

JAQUELINE DE ANDRADE TORRES

**POR UMA HISTÓRIA INSTITUCIONAL DA ANÁLISE
DO COMPORTAMENTO NO BRASIL: ESTUDOS
SOCIOBIBLIOMÉTRICOS (1976–1986)**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE – MS**

2018

JAQUELINE DE ANDRADE TORRES

**POR UMA HISTÓRIA INSTITUCIONAL DA ANÁLISE
DO COMPORTAMENTO NO BRASIL: ESTUDOS
SOCIOBIBLIOMÉTRICOS (1976–1986)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação –
Mestrado e Doutorado em Psicologia, da Universidade
Católica Dom Bosco, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestra em Psicologia, área de
concentração Psicologia da Saúde, sob a orientação do
Professor Dr. Rodrigo Lopes Miranda.

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO – UCDB
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO E DOUTORADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE – MS**

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca da Universidade Católica Dom Bosco - UCDB, Campo Grande, MS, Brasil)

T693 Torres, Jaqueline de Andrade

Por uma história institucional da análise do comportamento
no Brasil : estudos sociobibliométricos (1976-1986) / Jaqueline de
Torres; orientador Rodrigo Lopes Miranda.-- 2018.
85 p.+ anexos

Dissertação (mestrado) -Universidade Católica Dom
Bosco, Campo Grande, 2018

1. Comportamento humano - Análise. 2. Psicologia -
História. 3. Behaviorismo (Psicologia). 4. Ciência
- História. I.Miranda, Rodrigo Lopes. II. Título.

CDD: 150.1943

A dissertação apresentada por **JAQUELINE DE ANDRADE TORRES**, intitulada “**POR UMA HISTÓRIA INSTITUCIONAL DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NO BRASIL: ESTUDOS SOCIOBIBLIOMÉTRICOS (1976-1986)**”, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em PSICOLOGIA à Banca Examinadora da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), foi.....

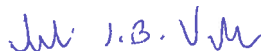
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Rodrigo Lopes Miranda - UCDB (orientador)



Prof. Dr. Gabriel Vieira Cândido – PUC-SP



Prof. Dr. André Augusto Borges Varella - UCDB



Profª. Dra. Fabiana Maluf Rabacow - UCDB

Campo Grande-MS, 14 de junho de 2018.

Às vozes dissidentes.

AGRADECIMENTOS

Ao longo dos anos como mestranda, muitas coisas marcantes aconteceram na minha vida, dentro e fora do mundo acadêmico. Doces ou amargas, todas deixaram lições e ensinamentos que se entrelaçaram e estão refletidos no que sou, como estou e, inevitavelmente, aparecem nas linhas e entrelinhas desta dissertação. Muitas pessoas também foram marcantes ao longo dessa trajetória e eu não teria conseguido conquistar minhas metas tampouco extrair as lições sem especialmente algumas delas; portanto preciso destacá-las. Assim, não necessariamente nesta ordem, meus agradecimentos são direcionados:

À Luciene, ao Lorenzo e à Michele, minha família, pelo apoio constante e incondicional, sem o qual esta etapa seria sequer imaginável.

À Luana Beatriz, meu amor, pela parceria incrível que envolve muita resistência e persistência. Sua postura dedicada, paciente e generosa, bem como a confiança depositada em mim, tem feito toda a diferença.

Ao Professor Rodrigo, meu orientador e modelo de educador, por ter me acolhido e me proporcionado condições para obter muitos aprendizados e superações.

À Mônica, doce e orelhuda canina, por despertar em mim e me ajudar a manter viva a comunicação entre a ética antiespecista e a afetividade.

À Helen, ao Marlei, à Juana, à Jurema e à Cacilda, pelos momentos de aprendizados, descontrações, paciência e reflexões.

Ao Felipe (*in memoriam*), que chegou e partiu durante o período do Mestrado, pela confiança e pelos momentos de diversão e aprendizados.

À Professora Nubia Nayara Pereira Rodrigues, médica veterinária, pela ajuda valiosa no resgate do Felipe e pelas trocas que me inspiraram e proporcionaram bastante aprendizado.

À Bruna (*in memoriam*), à Bianca (*in memoriam*) e à Michele (*in memoriam*), roedoras que também chegaram e partiram durante o Mestrado, por me desafiarem a manter a convicção e a persistência.

À Bianca Marigliani, amiga-irmã e mentora científica, por acreditar em mim quando eu basicamente já havia desistido; pelo apoio e ensino irrestritos; pelas trocas; pela ajuda nos momentos mais difíceis, sempre indicando uma possível solução e/ou lição.

À Professora Dra. Sônia Teresinha Felipe, pelo legado inspirador; pelas trocas, p ensinamentos, pelas previsões e pelos conselhos.

À Michele Brum Lopes, por permanecer ao meu lado nos bons e nos maus momentos.

À Marina Fenner, terapeuta e professora, pelo acolhimento e pelos ensinamentos.

Ao GEPeHP, Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia, em especial às colegas Ana Maria Del Grossi Ferreira Mota e Bianca dos Santos Cara, pela cooperação.

Às e aos colegas da ANP-LGBT, Articulação Nacional de Psicólogas e Psicólogos LGBT [lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis], pela resistência e valiosas trocas.

Ao Comitê de Autodefesa das Mulheres, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* Campo Grande, pelo acolhimento.

Às professoras e aos professores Dr. Carlos Henrique Silva, Dr. Josemar Campos Maciel, Ma. Maria Solange Felix Pereira (*in memoriam*), Dra. Eveli Vasconcelos Freire, Dra. Adriana Odalia Rímoli, Dra. Thais Ferro Nogara de Toledo e Ma. Norma Celiane Cosmo, pelos ensinamentos que permanecem motivando-me no mundo acadêmico.

À Luciana Fukuhara Barbosa, pelas constantes prestimosidade e paciência.

Ao Professor André Varella, modelo de educador, por sempre conseguir extrair das produções dos discentes algo que as tornem valiosas no sentido de reconhecer o esforço de quem as produziu.

À Suzanir Fernanda Maia, pela impecável representação do corpo discente no Conselho.

À Professora Dra. Briseida Dôgo de Resende e à Ma. Natalia de Souza Albuquerque, por terem me proporcionado uma ótima experiência durante o estágio no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

À Fundect, Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul, pelo apoio durante parte do período do curso de Mestrado.

À Prefeitura Municipal de Bonito, pelo suporte para viabilizar minhas viagens com fins de estudos.

Às e aos colegas da rede pública de saúde de Bonito, pelo encorajamento.

À Banca Examinadora, pelas valiosas contribuições.

Urge repetir que muitas outras pessoas estiveram presentes durante minha trajetória como mestrande e os nomes acima certamente não esgotam o universo de responsáveis pelas condições que possibilitaram as minhas conquistas nessa etapa. Então, meus agradecimentos, apesar de não nominais, são estendidos a todas as pessoas que de alguma forma marcaram o meu percurso no mestrado.

Muito obrigada!

“I feel, therefore I can be free.”

Audre Lorde (1934–1992)

RESUMO

Este trabalho busca apresentar uma análise histórica do processo de institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil, tendo como berço os Estados Unidos da América. O período cronológico escolhido para estudo inicia com a narrativa de memórias a partir da chegada de Fred S. Keller ao Brasil, em um contexto de muitas mudanças na Presidência da República, tomada do poder pelos militares e, simultaneamente, do processo de regulamentação da Psicologia como profissão no país. Tal narrativa se estende por meio da dispersão de analistas do comportamento pelo Brasil, a “diáspora”. Esta pesquisa é um estudo da História do Tempo Presente, situada no domínio da História das Ciências e no campo da História da Psicologia. Usou recursos de História Quantitativa, revisão bibliográfica, sociobibliometria e cientometria. Em adição a isso, entende-se por processo de institucionalização o resultado de mecanismos adotados por uma comunidade (neste caso, a de analistas do comportamento); assim, olhar para alguns desses mecanismos pode trazer entendimentos a respeito do supramencionado processo. Como consequência, as fontes primárias usadas no estudo são as publicações dos periódicos das primeiras associações comportamentalistas no país, Associação de Modificação do Comportamento e Associação Brasileira de Análise do Comportamento; são eles: *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* (1976–1980) e *Cadernos de Análise do Comportamento* (1981–1986). Nesse sentido, os dados foram coletados, quantificados e analisados. Além disso, as 40 publicações e outras adicionais foram lidas na íntegra, o que possibilitou um maior entendimento dos dados quantificados *a priori*. Ao final, foi possível observar que os resultados corroboraram algumas hipóteses e alguns dados da literatura; no entanto, levantam questionamentos e sugerem outras conjecturas que requerem mais pesquisas com outras fontes e/ou outros olhares.

Palavras-chave: Institucionalização; História da Análise do Comportamento; História da Psicologia; História do Behaviorismo; História das Ciências.

ABSTRACT

This paper aims to present a historical analysis of the institutionalization process of Behavior Analysis in Brazil, with the United States as the birthplace. The chronological period chosen for study begins its narrative of memories as of the Fred S. Keller's arrival in a context of many changes in the Republic Presidency, seizure of power by the military and simultaneously the regulatory process of Psychology as a profession in Brazil. The aforementioned narrative extends itself through the dispersion of behavior analysts throughout the country, known as diaspora. This research is a History of the Present Time study, located in the History of Science domain and in the History of Psychology field. It uses resources of Quantitative History, bibliographic review, sociobibliometrics and scientometrics. Besides, the institutionalization process is understood as a result of actions embraced by a community (in this case, the behavior analysts); thus, looking at some of those actions might bring enlightenments about the aforesaid process. As a consequence, the primary sources used in this research are the papers published in the journals of the first behavioral associations in the country, *Associação de Modificação do Comportamento* and *Associação Brasileira de Análise do Comportamento*; they are: *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* (1976–1980) and *Cadernos de Análise do Comportamento* (1981–1986). This way, the data were collected, quantified, and analysed. Moreover, the 40 papers and the additional texts were read in full, so it was easier to understand data quantified *a priori*. In the end, it was possible to observe that the results support some hypothesis and some literature data; however, they raise questions and suggest other conjectures that requires more researches with other sources and/or other perspectives.

Keywords: Institutionalization; History of Behavior Analysis, History of Psychology, History of Behaviorism, History of Science.

LISTA DE FIGURAS

Capítulo 3

<i>Figura 1.</i> Nomes de pessoas envolvidas com a Secretaria da Associação de Modificação do Comportamento.....	35
<i>Figura 2.</i> Nomes das pessoas que compunham o Comitê de Publicações da Associação de Modificação do Comportamento e divulgação do periódico.....	36
<i>Figura 3.</i> Instituições de filiação de quem publicou no periódico <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> , conforme número de autores.....	41
<i>Figura 4.</i> Os dez autores mais consultados por quem publicou no periódico <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> , conforme quantidade de citações nas referências.....	45
<i>Figura 5.</i> Entrevista concedida por Donald Baer à Comissão de Relações Públicas da Associação de Modificação do Comportamento.....	46
<i>Figura 6.</i> As cinco obras mais consultadas por quem publicou no periódico <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> , conforme quantidade de citações nas referências.....	47

Capítulo 4

<i>Figura 1.</i> Instituições de filiação de quem publicou no periódico <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i> , conforme número de autorias.....	67
<i>Figura 2.</i> Os cinco autores mais consultados por quem publicou no periódico <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i> , conforme quantidade de citações nas referências.....	70
<i>Figura 3.</i> As cinco obras mais consultadas por quem publicou no periódico <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i> , conforme quantidade de citações nas referências.....	71

LISTA DE TABELAS

Capítulo 3

<i>Tabela 1.</i> Trabalhos publicados no periódico <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> (1976–1977).....	39
<i>Tabela 2.</i> Lista das editoras com mais de uma ocorrência nas referências das publicações de <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i>	43

Capítulo 4

<i>Tabela 1.</i> Distribuição de textos dos <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i> conforme publicação original em eventos e ano de publicação nesse periódico.....	63
<i>Tabela 2.</i> Trabalhos publicados nos <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i> , sob a gestão da Associação de Modificação do Comportamento.....	64
<i>Tabela 3.</i> Trabalhos publicados nos <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i> , sob a gestão da Associação Brasileira de Análise do Comportamento.....	65
<i>Tabela 4.</i> Países das editoras que veicularam os livros citados nas referências dos <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i>	69

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1. Modelo da tabela com os dados gerais das publicações de <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> e <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i>	87
Apêndice 2. Modelo da tabela com as referências listadas ao final das publicações de todas as edições de <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> e <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i>	88
Apêndice 3. Modelo da tabela com as autorias das referências e suas respectivas quantidades de citações, por publicação, em <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> e <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i>	89
Apêndice 4. Modelo da tabela tipo <i>ranking</i> de autorias e suas respectivas quantidades de citações em <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> e/ou <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i>	90
Apêndice 5. Modelo da tabela tipo <i>ranking</i> das referências e suas respectivas quantidades de citações em <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> e/ou <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i>	91
Apêndice 6. Modelo da tabela tipo <i>ranking</i> dos veículos de publicação e suas respectivas quantidades de menções, conforme tipo de obra citada, em <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> e/ou <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i>	92
Apêndice 7. Modelo da tabela com os dados gerais dos números de <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i> e <i>Cadernos de Análise do Comportamento</i>	93

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABA	<i>Applied Behavior Analysis</i>
ABAC	Associação Brasileira de Análise do Comportamento
ABPMC	Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental
AMC	Associação de Modificação do Comportamento
BRT	<i>Behavior Research and Therapy</i>
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
EUA	Estados Unidos da América
GEPeHP	Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia
HUCITEC	Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia
JABA	<i>Journal of Applied Behavior Analysis</i>
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
SP	Estado de São Paulo
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO E INTRODUÇÃO.....	14
1 MEMÓRIAS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NO BRASIL.....	19
2 REFLEXÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	25
2.1 Procedimentos.....	29
3 MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTO: PESQUISA E APLICAÇÃO.....	31
<i>Modificação de Comportamento</i> (1976-1977): algumas contingências para a institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil.....	32
Sobre a Associação de Modificação do Comportamento.....	33
Sobre <i>Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação</i>	37
Quem era?.....	40
O que e quem liam?.....	42
Sobre o que falavam?.....	48
Considerações Finais.....	50
Referências.....	51
4 CADERNOS DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO.....	57
<i>Cadernos de Análise do Comportamento</i> : periódico alternativo e instrumento de resistência da Associação de Modificação do Comportamento e da Associação Brasileira de Análise do Comportamento.....	58
A Associação de Modificação do Comportamento e a Associação Brasileira de Análise do Comportamento.....	59
Os Cadernos de Análise do Comportamento.....	61
Quem eram?.....	66
O que e quem liam?.....	68
Sobre o que falavam?.....	71
Considerações Finais.....	74
Referências.....	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	82
APÊNDICES.....	86

Esta dissertação é fruto do trabalho de um grupo que inclui acadêmicas do curso de graduação em Psicologia e do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Psicologia, ambos da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), bem como de profissionais dessa universidade e parcerias com outras instituições. Esta pesquisa tem investimentos do Professor Rodrigo Lopes Miranda desde seus tempos de mestrando na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e hoje faz parte de um projeto “guarda-chuva” liderado por esse professor no Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Psicologia da UCDB (GEPeHP), registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

A linguagem impessoal foi escolhida para a escrita desta obra, mas isso não significa qualquer crença em uma suposta “neutralidade”; tampouco negligência sobre a posição de quem fala. Assim, apesar de haver todo um grupo de pessoas por trás desta pesquisa, o espaço aqui limita uma narrativa focada em quem escreve. A mestranda que redige esta exposição tem formação em Psicologia pela UCDB e pela Universidade Luterana do Brasil, *campus* Canoas, Rio Grande do Sul, e atua como psicóloga clínica no Centro de Especialidades em Reabilitação de Bonito (CER-Bonito), Mato Grosso do Sul. Ainda, é membra titular do Conselho Municipal de Saúde e vice-presidenta do Fórum dos Trabalhadores em Saúde, ambos também de Bonito. Seu interesse pelo Behaviorismo Radical e pela Análise do Comportamento começou na graduação, especialmente por meio das aulas de Psicologia Experimental do Professor Dr. Carlos Henrique Silva¹ e da Professora Dra. Thais Ferro Nogara de Toledo².

O interesse pela Análise do Comportamento não foi de imediato em Psicologia Experimental I, com o Professor Carlos. Isso porque é nessa disciplina que o laboratório com a caixa de condicionamento operante e o rato albino (*Rattus norvegicus*) costumam ser apresentados ao corpo discente. Como vegana³, foi inevitável recorrer à redação de uma carta de objeção de consciência para solicitar uma ferramenta didática substitutiva. Tal carta foi entregue em um dos primeiros dias de aula ao professor da disciplina e à então coordenadora do curso de Psicologia, Maria Solange Félix (*in memoriam*). O professor insistiu que a acadêmica assistisse a pelo menos uma aula com o método tradicional. Ao final dessa aula, não tendo havido concordância em abrir mão do pedido de objeção de consciência, o professor, que já havia trocado ideias com a então professora de Biopsicologia, Dra. Adriana

¹ Currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8128747460907838>.

² Currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3291947757578226>.

³ Aquela que pratica o veganismo, aplicação dos Direitos Animais. Para mais informações, ver Felipe (2014).

Odalia Rímoli⁴, informou que a prática alternativa envolveria a participação (e não o uso) de um cão (*Canis familiaris*) e seria feita no laboratório de Psicologia Experimental Humana. Ao final do semestre, o Professor Carlos sugeriu que a experiência fosse publicada e, assim, foram submetidos (e aceitos) resumos a dois congressos (Silva & Torres, 2006a, 2006b). Dessa forma, ressalta-se na trajetória desta mestranda a importância de um professor que conseguiu conciliar assuntos aparentemente excludentes: estudar e praticar análise experimental do comportamento *versus* praticar uma Ética Animalista⁵. Depois disso, a acadêmica que se apaixonou, em Biopsicologia, pela Teoria da Evolução voltada ao estudo do comportamento conseguiu contemplar as descrições, conjecturas e possibilidades oferecidas pelo Behaviorismo Radical e pela Análise do Comportamento, muito bem expostas e pacientemente explicadas pela Professora Thais.

No curso de mestrado, ao longo do ano como Aluna Especial, esta psicóloga se interessou pelo trabalho do Professor Rodrigo, especialmente por envolver bastante experiência e estudo sobre o laboratório em Psicologia e por ser analista do comportamento. Sobre a escolha do tema da pesquisa, como já dito, o Professor Rodrigo vinha trabalhando o assunto desde seus tempos de mestrando; assim, ele apresentou a ideia que estava interrompida e que gostaria de ver se desenvolvendo. A ideia agradou e a pesquisa foi retomada. Como consequência, o resultado dessa pesquisa se apresenta nesta dissertação.

Apesar de parecer consenso que a história da Análise do Comportamento já é bem conhecida e foi muitas vezes bem contada, é importante lembrar que um relato histórico é uma interpretação da história (Cruz, 2006); portanto é fundamental mencionar que este trabalho já nasce sem a expectativa de buscar uma história única da institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil. Espera-se revisitar memórias a fim de tentar conectá-las, em processo de comunicação recíproca e contínua, com os dados coletados nas fontes primárias escolhidas para esta pesquisa.

Dessa forma, o período eleito para ser revisitado inicia com a chegada de Fred Simmons Keller (1899–1996) ao Brasil, passa pela criação e pela extinção da Associação de Modificação do Comportamento (AMC)⁶ e da Associação Brasileira de Análise do Comportamento (ABAC), e termina com a dispersão de analistas do comportamento pelo

⁴ Currículo na Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2495960635564866>.

⁵ “Na ética animalista abolicionista, o círculo da moralidade alargou os limites tradicionais e incluiu os animais no âmbito da comunidade moral dos seres que os humanos devem considerar dignos de respeito à vida, ao bem-estar e ao próprio bem mental típico de cada espécie animal.” (Felipe, 2013).

⁶ Também citada como Associação de Modificação de Comportamento [grifo nosso] na *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* (números 1 e 2) e nos *Cadernos de Análise do Comportamento* (números 5 e 6). Nesta dissertação, optou-se pela outra grafia, por estar em consonância com o disposto no Estatuto.

território brasileiro, na década de 1970. Ao mesmo tempo, é importante expor um quadro geral sobre momentos do Brasil desse período para ajudar a dar mais sentido à construção histórica que se pretende fazer com o recorte escolhido, pois “em termos comportamentais, poderíamos dizer que a história de uma ciência é a história do comportamento dos cientistas e do contexto social em que a ciência foi constituída” (Cruz, 2006, p. 164).

O objetivo geral foi descrever e analisar aspectos da institucionalização da Análise do Comportamento, no Brasil, entre 1976 e 1986. E os objetivos específicos foram: (a) identificar e caracterizar os atores envolvidos com as publicações veiculadas nos periódicos analítico-comportamentais brasileiros entre 1976 e 1986; (b) descrever e analisar as referências intelectuais que circulavam entre aqueles envolvidos com as produções nos periódicos analítico-comportamentais brasileiros entre 1976 e 1986; e (c) identificar e analisar os conteúdos das publicações veiculadas nos periódicos analítico-comportamentais brasileiros entre 1976 e 1986.

No primeiro capítulo, são apresentadas memórias da Análise do Comportamento no Brasil. Essa área tem sua base teórica no Behaviorismo Radical, filosofia da ciência do comportamento (Skinner, 1974), ou, como explica Carvalho Neto (2002), algo que pode ser considerado além de filosofia, sendo, ao mesmo tempo, uma explicação, um método, um tipo de intervenção, uma técnica e até mesmo um posicionamento político. Não foi objetivo deste trabalho se estender sobre os behaviorismos ou até mesmo sobre o Radical. Assim, sendo a Análise do Comportamento uma área do conhecimento dentro da grande área da Psicologia (mas não apenas dela), propôs-se relatar nesta dissertação momentos históricos que ocorreram ao longo de seu processo de introdução e estabelecimento no Brasil (i.e., institucionalização), tendo como berço os Estados Unidos da América (EUA).

No capítulo 2, são apresentadas reflexões teórico-metodológicas. Este é um estudo de história do tempo presente, situado na História das Ciências e com foco no campo da História da Psicologia. Nesse sentido, este trabalho utilizou recursos da História Quantitativa, da sociobibliometria, da cientometria e da revisão bibliográfica. O processo de institucionalização foi escolhido tendo em consideração que está entre os estudos da história das comunidades científicas (i.e., neste caso, a comunidade brasileira de Análise do Comportamento), que inclui a criação de condições de ensino, produção de manuais didáticos, fomento de eventos e associações específicas, circulação de periódicos especializados, etc. Dito isso, pretendeu-se apresentar neste trabalho uma análise histórica de parte do processo de institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil, via estudos sociobibliométricos de dois periódicos das extintas AMC e ABAC, quais sejam: *Modificação de Comportamento*:

pesquisa e aplicação (1976–1980) e *Cadernos de Análise do Comportamento* (1981–1986). Essas Associações foram escolhidas por terem sido as primeiras da área no Brasil, e a análise dos dois periódicos pode levantar aspectos que ajudem a contar uma história do processo de institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil.

No capítulo 3, são apresentados os dados e as análises do periódico *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* (1976–1980), editado e publicado pela AMC. No capítulo seguinte, são expostos os dados e as respectivas análises de *Cadernos de Análise do Comportamento* (1981–1986), que teve os primeiros seis números editados e publicados pela AMC e o restante pela ABAC.

As Considerações Finais englobam uma análise geral dos dois periódicos, das associações mencionadas e suas relações tanto entre si quanto com o contexto histórico apresentado no primeiro capítulo.

Pelo exposto, adianta-se que as informações encontradas confirmam algumas perspectivas e questionam outras, ao mesmo tempo em que suscitam muitas indagações. Nesse sentido, acredita-se que esta pesquisa cumpriu a proposta inicial sem, no entanto, esgotar análises e histórias possíveis da comunidade de Análise do Comportamento no âmbito da Psicologia no Brasil.

1 MEMÓRIAS DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO NO BRASIL

Apesar de este capítulo iniciar seus relatos de memórias da Análise do Comportamento no Brasil na ocasião do movimento da vinda de Fred Simmons Keller (1899–1996) ao país, é importante salientar não ser intenção marcar, com isso, ausência de outros Behaviorismos antes de Keller (Cirino, Miranda, Cruz, & Araujo, 2013). Dito isso, explicita-se que esta narrativa tem como foco o período cronológico compreendido entre as décadas de 1950 e 1980, apresentando ênfase no tempo correspondente às vigências dos periódicos aqui analisados (i.e., 1976–1986). Como é indesejável desconectar tais memórias de um contexto maior, pretende-se apresentar um breve (e não exaustivo) panorama do que estava ocorrendo nesse período no país e na Psicologia brasileira.

A década de 1950 foi marcada pelo nacional-desenvolvimentismo, no qual havia a preocupação de modernização dos padrões das indústrias, iniciavam as parcerias com grupos estrangeiros e a expansão das instituições públicas, bem como um grande processo de urbanização (Baptista, 2010). No âmbito da Psicologia, essa década foi caracterizada pela intensidade de encontros, debates, discussões e formação de comissões com fins de regulamentar a profissão (Baptista, 2009, 2010). Foi nesse período que ocorreram, entre outros: (a) o 1º Congresso Brasileiro de Psicologia, em 1953, resultando em uma das propostas de projeto de regulamentação da profissão; (b) a criação dos cursos de especialização em Psicologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul — que nessa mesma década ampliou seu currículo e passou a credenciar como “psicólogo” a quem concluía o curso —, e em Psicologia Clínica, na Universidade de São Paulo (USP) e na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras *Sedes Sapientiae*; (c) a criação do curso de formação em Psicologia, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro; (d) a criação do curso de graduação em Psicologia na USP; (e) a fundação da Sociedade Mineira de Psicologia, em 1958, em Belo Horizonte, e da Sociedade de Psicologia, em 1959, no Rio Grande do Sul; e (f) a criação do curso de graduação em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em Belo Horizonte, em 1959.

Foi também em 1959 que uma carta de Myrthes Rodrigues do Prado (1919–1966) iniciou uma troca de correspondências entre a USP, Keller e a Comissão Fulbright (em inglês, *Fulbright Commission*), culminando, em 1961, na vinda de Keller ao Brasil (Kerbaui, 1996; Matos, 1998; Todorov, 2003, 2006; Todorov & Hanna, 2010). Myrthes foi aluna de Keller durante o período em que esteve cursando Psicologia Clínica e Experimental (em inglês, *Experimental and Clinical Psychology*) na Universidade Columbia (em inglês, *Columbia University*), nos EUA. Em sua carta, ela transmite a Keller o convite do então diretor da USP, Paulo Sawaya, para montar um Departamento de Psicologia (como o da Universidade

Columbia) nessa universidade. No que se refere à participação da Comissão Fulbright nesse processo, sua presença no Ministério da Educação era consequência de um acordo entre os governos brasileiro e estadunidense (Todorov & Hanna, 2010).

Os anos de 1960 marcam o início da institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil, com a ocasião da vinda do professor Keller à USP (Cândido, 2017; Matos, 1998; Sabadini, 2013). Registram, também, a regulamentação da profissão Psicologia, com a sanção da Lei Federal n.º 4.119, em 1962 (Brasil, 1962). Em 1961, Keller e sua esposa, Frances, foram recepcionados por um grupo no qual estava, entre outros, Carolina Martuscelli Bori (1924–2004), designada assistente de Keller juntamente com Rodolpho Azzi (Akerá, 2017; Matos, 1998; Todorov, 2006); estes dois foram apoios fundamentais para Keller no Brasil (Cândido, 2017).

Keller criou, na USP, aquele que parece ser o primeiro laboratório brasileiro de Análise do Comportamento (Miranda, 2010). Keller trabalhou no Departamento de Fisiologia (Cunha, 2007) e teve que enfrentar a escassez de recursos, improvisando com os materiais disponíveis a construção de barras e das próprias caixas experimentais (Matos, 1998; Todorov, 2006; Todorov & Hanna, 2010). Ainda no primeiro ano no Brasil, Keller empenhou-se na produção do primeiro dicionário inglês-português de termos operantes (Azzi, Rocha e Silva, Bori, Fix, & Keller, 1963), constituindo-se, assim, o primeiro passo da sucessiva sequência de traduções de obras da área (Todorov & Hanna, 2010). Outra figura importante para a análise do comportamento no Brasil, John Gilmour Sherman (1931–2006), da Universidade Columbia, chegou à USP como Professor Visitante (Guedes et al., 2006), em 1962, para substituir Keller (Matos, 1998; Todorov, 2003, 2006), que voltou aos EUA. Sherman foi assistente de Keller e era bastante habilidoso nas atividades de laboratório (Miranda, 2010).

Mesmo estando fora do Brasil, Keller continuou em estreito contato com o país e permaneceu sendo referência para analistas do comportamento brasileiros (Todorov, 2006). Sinal disso é que Sherman, Bori e Azzi dirigiram-se aos EUA com a finalidade de adquirir materiais de laboratório e livros, bem como obter conselhos de Keller (Matos, 1998; Todorov, 2006; Todorov & Hanna, 2010). A partir desse encontro nasceu o Sistema Personalizado de Instrução (em inglês, *Personalized System of Instruction*), também conhecido como “Plano Brasília”, “Plano Keller” ou “Keller Plan” (Kerbaui, 1996; Matos, 1998; Todorov, 2003, 2006), que não é foco deste texto e cujo desenvolvimento está bem apresentado no trabalho de Akerá (2017). Há também uma descrição de sua aplicação na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, em Cândido (2017).

No contexto geral do país, a década de 1960 foi um período pós-suicídio do ex-presidente Getúlio Vargas (1882–1954), marcado por rápidas trocas de presidentes e entre os quais estava Juscelino Kubitschek (1902–1976), em cuja gestão houve um tempo de calma e esperança (Aker, 2017), assim como a fundação da nova capital do país, Brasília. Ainda, foi nessa época que aconteceu a Reforma Universitária e um investimento na ciência nacional com o objetivo de intervir no contexto social do país (Cirino, Miranda, & Cruz, 2012). Assim, a criação da Universidade de Brasília (UnB) foi um marco (Weber, 2009). Nesse cenário, em 1963, foi criado um novo Departamento de Psicologia na UnB, contando com Bori na Presidência (Guedes et al., 2006); Keller, Azzi, Sherman e Isaias Pessotti compuseram o quadro docente, tendo auxílio de alguns assistentes (Aker, 2017; Cândido, 2014; Todorov, 2003, 2006). Desses assistentes, os primeiros foram: James Russell Nazzaro — em Percepção e Psicofísica —; Robert Berryman — em Aprendizagem e Motivação —; e Jean Nelson Nazzaro — em Estatística (Todorov, 2006). Havia outros profissionais estadunidenses junto com Keller e Sherman, já que a ideia era ter um grupo forte o suficiente para ofertar um curso de Mestrado na UnB, com a finalidade de formar assistentes de ensino para atuar na graduação (Todorov, 2006). Nesse sentido, dentre os graduandos que acompanharam Keller na USP, três foram dar continuidade aos estudos na Universidade Columbia, quais sejam Maria Amélia Matos (Tomanari, 2005), Dora Fix Ventura e Maria Inês Rocha e Silva, tendo como objetivo voltar para lecionar em Brasília (Matos, 1998; Todorov, 2006).

Foi em 1964 que a disciplina de Análise Experimental do Comportamento começou a ser ministrada na UnB (Cândido, 2014) ao corpo discente de todas as biociências (Guedes et al., 2006). No ano seguinte, 1965, teve fim a primeira fase da Análise do Comportamento em Brasília, quando os militares que estavam no poder demitiram 15 professores sob a acusação de serem componentes do partido comunista (Aker, 2017; Todorov, 2003, 2006). Assim, Bori e Azzi retornaram à USP, onde um programa de pós-graduação foi desenvolvido com o apoio de Ventura, Matos, Maria Teresa Araújo Silva, Rachel Kerbauy (1935–2015) e outros analistas do comportamento (Todorov, 2006). Quanto aos estudantes, Luiz Otávio de Seixas Queiroz conseguiu um emprego na Universidade Católica de Campinas, onde estabeleceu ensino e prática em análise do comportamento clínica e foi responsável pela organização de um grupo de pessoas que fundaram a Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (ABPMC) – em 1991, sucessora da ABAC.

A segunda fase da Análise do Comportamento em Brasília acabou em 1970, quando Berryman partiu, após enfrentar a intervenção militar (Todorov, 2006). Muitos de seus estudantes o seguiram e acabaram por iniciar dois centros analíticos-comportamentais no

Brasil, quais sejam os da Universidade Federal do Pará e da Universidade Estadual de Londrina (Todorov, 2006; Todorov & Hanna, 2010). No panorama desencadeado pelo golpe militar, esse é só um dos casos, visto que ocorreu o que a literatura tem chamado de “diáspora” da Análise do Comportamento no Brasil (Guedes et al., 2008), caracterizada pelo fenômeno de dispersão de professores e estudantes, que foram originalmente preparados para atuar na UnB, em universidades Brasil afora e também dos EUA (Cândido, 2017). Atribui-se a esse acontecimento a “rápida disseminação da Análise do Comportamento pelo país.” (Guedes et al., 2008, p. 52).

A década de 1970 compreendeu a criação do Conselho Federal de Psicologia, em 1973, e dos sete primeiros Conselhos Regionais de Psicologia, em meados de 1974 (Baptista, 2009, 2010). Houve, ainda, a terceira e última fase da Análise do Comportamento em Brasília, com início em 1973, marcada pela chegada de Thereza Pontual de Lemos Mettel e de João Claudio Todorov ao Departamento de Psicologia, tendo sido, mais tarde, apoiados por Celia Maria Lana da Costa Zannon, oriunda da USP e orientada por Bori, e por Antonio de Freitas Ribeiro, de Vermont, EUA (Todorov, 2006). Ao mesmo tempo, assim como a comunidade de Psicologia já vinha se organizando de maneira geral, a comunidade de analistas do comportamento iniciou sua organização política em Ribeirão Preto, em 1971, com a Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto e seus encontros anuais (Todorov, 2006). Essa instituição tornou-se oficialmente a Sociedade Brasileira de Psicologia em 1991 (Todorov, 2006; Todorov & Hanna, 2010).

Tão importante quanto a organização política foram o fomento de eventos e a criação de revistas especializadas. Nessa direção, no ano de 1975, analistas do comportamento do Departamento de Psicologia Experimental da USP criaram a revista *Psicologia*, na qual pesquisas em Análise do Comportamento ocupavam cerca de 70% do conteúdo (Matos, 1998). No ano seguinte, surgiu a revista *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, criada pela AMC, com foco em análise comportamental aplicada e a qual em 1981 foi sucedida pelo periódico *Cadernos de Análise do Comportamento*, que passou a ter como alvo um público ampliado e esteve vigente por quatro anos (Matos, 1998). Guedes et al. (2006) destacam os *Cadernos de Análise do Comportamento* como exemplo de publicações da área na difusão da Análise do Comportamento como ciência no Brasil. Essas três foram as principais revistas que a partir da década de 1960 publicaram trabalhos comportamentalistas (Cruz, 2006).

A AMC foi fundada em São Paulo e tinha atuação restrita a esse Estado. Era destinada à organização e à divulgação de trabalhos de uma comunidade que tinha intensa preocupação

com o trabalho científico em Psicologia e sob os pressupostos elementares da análise experimental do comportamento (Botomé, 2006). Mais tarde, como uma ampliação e um seguimento do trabalho da AMC, foi criada uma associação de alcance nacional, a ABAC. Sua missão era tentar acolher e atender a todos os tipos de colaborações ligadas à Análise do Comportamento, tanto na área de pesquisa quanto na de aplicações (Botomé, 2006). Assim, considerando que o foco desta pesquisa é o processo de institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil e que isso implica em olhar para a comunidade de analistas do comportamento se organizando e/ou organizada, foram escolhidas como alvo da investigação a AMC e a ABAC, associações mencionadas em publicações da área e sobre as quais pouco se tem pesquisado. As fontes de dados para o estudo são as publicações dos seus periódicos.

Por fim, muitas outras ações foram feitas por analistas do comportamento visando o desenvolvimento tanto da Análise do Comportamento quanto da Psicologia e, portanto, é impossível serem esgotadas neste capítulo, que teve como finalidade apresentar um panorama geral das memórias da Análise do Comportamento no Brasil, focando na criação dos periódicos que são fontes desta pesquisa. Nesse sentido, é igualmente impossível apresentar todas as pessoas importantes no processo de institucionalização da Análise do Comportamento no país, deixando aqui o reconhecimento de que muitas e muitos profissionais marcaram a trajetória desse campo da ciência no Brasil.

O método deste estudo compreendeu o uso de fontes documentais primárias assim como a realização de uma análise descritiva e interpretativa dos dados selecionados e categorizados, em consonância com histórias contadas na literatura, do período em questão, sobre aspectos da comunidade de analistas do comportamento no Brasil. A esse procedimento metodológico dá-se o nome de Historiografia. De acordo com Martins (2004), a Historiografia difere-se de história, entre outros aspectos, por ir além de uma mera descrição; isto é, há um “caráter discursivo novo” (p. 116). Então, mais especificamente, esta é uma pesquisa de História do Tempo Presente (Ariès, 1989; Cruz, 2006; De Certeau, 1982; Ferreira, 2000), assentada na História das Ciências (Cruz, 2006; Massimi, 2010) e com foco na História da Psicologia (Massimi, 2010). Este trabalho foi desenvolvido com recursos da História Quantitativa (Brožek, 1969), da sociobibliometria (Godin, 2006; Pritchard, 1969), da cientometria (Mingers & Leydesdorff, 2015) e da revisão bibliográfica.

Cruz (2006) ilustra a definição de História do Tempo Presente ao fazer analogia entre o trabalho do historiador e uma montagem de quebra-cabeça que, apesar de nunca completamente montado, admite uma imagem capaz de ser interpretada no presente. O que vai ao encontro das falas de De Certeau (1982) e de Àries (1989), respectivamente: “Um jogo da vida e da morte prossegue no calmo desdobramento de um relato, ressurgência e denegação da origem, desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática presente.” (p. 53); “... a história se concebe como um diálogo onde o presente não está nunca ausente.” (p. 173). Como consequência, uma descrição da história de qualquer área do saber significa uma interpretação da história, não “a” história; porque em toda reconstrução histórica há vieses e, portanto, parcialidade (Cruz, 2006). Esse tipo de história enfoca a compreensão de rupturas e transições recentes, na história em questão (Ferreira, 2000). Isso se deve ao fato de ter sido selecionado uma periodização próxima à atualidade (1960 em diante) e, com isso, haver pressões dos eventos presentes para que se ressignifique seu passado. Como já mencionado, a História do Tempo Presente abordada neste trabalho está situada no domínio da História das Ciências. Sendo a Psicologia uma ciência, a História da Psicologia, que é o campo no qual está o foco desta pesquisa, tem seus métodos remetidos a esse domínio (Massimi, 2010).

No que tange aos métodos, Hilgard, Leary, e McGuire (1998 citado por Massimi, 2010) ressaltam que fica a critério do historiador da Psicologia escolher os métodos mais adequados à questão historiográfica do tema em foco, em um período de tempo específico, no âmbito do seu campo de estudos e em determinado contexto. Em outras palavras, não é o

método que deve estabelecer os tópicos do estudo (Massimi, 2010). Além disso, é importante trazer à pauta esta consideração (Massimi, 2010):

. . . entendemos que a utilização de uma determinada terminologia e de determinados rótulos deveria ser especificada a cada vez no âmbito do específico projeto de pesquisa a realizar, de modo que os conceitos abordados possam ser analisados conforme a complexidade que assumiram no período histórico estudado. (p. 103)

Como consequência, cumpre trazer ao raciocínio os conceitos de “estilos de pensamento” e “coletivos de pensamento”, oriundos da História das Ciências, desenvolvidos pelo médico polonês Ludwik Fleck (1896–1961), especialista em serologia e bacteriologia e que trabalhou especialmente em laboratórios de análises de rotina. O principal livro⁷ de Fleck esteve esquecido até a década de 1970, quando o sociólogo Robert Merton (1910–2003) provocou sua tradução para o inglês. Reeditado em alemão na mesma época, essa obra desencadeou o reconhecimento de Fleck como pioneiro da sociologia das ciências, por parte da Escola de Edimburgo (Löwy, 1994).

Fleck (1935/2010) concluiu que as conceituações leigas e profissionais de certa doença, por exemplo, são reflexos de práticas e crenças de cada tempo; isto é, a “verdadeira” definição não tem sentido fora do contexto que a gerou. Em outras palavras, nesse caso, para fins de melhor explicação, é imperativo partir do pressuposto de que há uma diversidade de olhares diferentes sobre a questão “doença”. Então, seguindo o exemplo dado, profissionais da saúde (neste caso, psicólogos e, mais especificamente, analistas do comportamento) fazem parte de “coletivos de pensamento” diferentes, com seus respectivos “estilos de pensamento” (“figuras de pensamento” singulares), que são impossíveis de serem comparados em perfeita simetria com os “estilos de pensamento” de outros “coletivos de pensamento” (Fleck, 1935/2010). Dessa forma, especialistas aprendem a ver o mundo no estilo de pensamento do coletivo de pensamento ao qual pertencem. Nesse processo de modelagem (ou socialização), a maneira de ver desses profissionais não apenas deixa para trás o olhar contemplativo dos fenômenos, mas também parte do exercício de percepção dos acontecimentos (ou objetos) sob a perspectiva do estilo de outro coletivo de pensamento. Essa concepção de História das Ciências parece ir à direção daquilo que Cruz (2006) afirmou ser a História das Ciências em perspectiva comportamental: que a história de determinada ciência pode ser entendida como a

⁷ *Entstehung und Entwicklung einer wissenschaftlichen Tatsache. Einführung in die Lehre vom Denkstil und Denkkollektiv* [Basel: Schwabe und Co., Verlagsbuchhandlung, 1935]; em português, *Gênese e desenvolvimento de um fato científico*.

história do comportamento dos estudiosos dessa ciência no contexto social em que ela foi estabelecida.

Brožek (1969) explica que, apesar da história ser tradicionalmente uma narrativa, pode também se utilizar de uma abordagem quantitativa, que possibilita, em determinados casos, uma chance de aplicar técnicas mais sofisticadas de análise estatística. É o caso desta pesquisa, que usou recursos da História Quantitativa. Além disso, foi feita uma revisão bibliográfica e utilizadas as técnicas de sociobibliometria e cientometria. Bibliometria consiste no uso de métodos estatísticos e matemáticos no estudo de livros e outros meios de comunicação (Pritchard, 1969); quando voltada a análises no campo das ciências sociais, tem-se a sociobibliometria (Klappenbach, 2017). A cientometria, por sua vez, abarca métodos quantitativos para o desenvolvimento da ciência como um processo de informações (Nalimov & Mulcjenko, 1971 citado por Mingers & Leydesdorff, 2015) sendo usada especificamente em estudos das ciências sociais e humanas (Mingers & Leydesdorff, 2015).

Quanto à fonte dos dados, em historiografia, conforme Morris, Todd, Midgley, Schneider, e Johnson (1990), a escolha do tipo de fonte a ser utilizada é a primeira questão metodológica a ser considerada. As fontes documentais históricas podem ser primárias, secundárias ou terciárias (Morris et al., 1990). As terciárias são originadas a partir de fontes primárias, secundárias ou outras terciárias; as secundárias possuem objetivos melhor delimitados, direcionados a assuntos específicos (“é o material *sobre* aquela história” [Cruz, 2006, p. 169]); e, finalmente, as primárias são a base na qual se apoiam as secundárias, servindo para estas de matéria prima (Morris et al., 1990). Esta pesquisa pode ser considerada uma fonte de dados secundários e terciários, sendo os seus dados coletados em fontes primárias. Em outras palavras, para esta pesquisa, cujo objetivo é produzir uma história institucional da Análise do Comportamento no Brasil, foram escolhidas como foco principal e matrizes dos dados a serem estudados a AMC e a ABAC, por terem sido as primeiras associações da área em território brasileiro. Essas instituições, hoje extintas, produziram dois periódicos: *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* (1976–1977) e *Cadernos de Análise do Comportamento* (1981–1986). Eles constituem a fonte documental primária deste trabalho. O primeiro periódico teve vigência de 1976 a 1977; o segundo, de 1981 a 1986. Todas as suas publicações forneceram informações para esta investigação e geraram dados que, depois de tabulados e categorizados, foram sistematicamente analisados.

2.1 Procedimentos

A pesquisa foi dividida em três partes, analisadas distintamente, quais sejam: estudo individual dos dois periódicos (apresentados nos capítulos 3 e 4) e do total de dados coletados (apresentado nas Considerações Finais). Optou-se por uma análise estatística descritiva, visto que a separação do total conforme cada periódico não geraria boas amostras para uma análise estatística mais complexa, o que não sugere insignificância — tampouco ausência de complexidade — sob a perspectiva das técnicas escolhidas neste trabalho.

Para o processo de tabulação, foi feito uso do programa Microsoft® Office Excel (Microsoft Corporation, Redmond, Washington, EUA). Cada texto recebeu um número, de 1 a 40, em ordem crescente e seguindo a sequência de publicação. Textos institucionais (e.g., “Manual”, “Apresentação”, “Editorial” e “Avaliação”) foram considerados na análise mas excluídos da tabulação dos dados, por serem ou orientações institucionais ou uma compilação das publicações dos respectivos números.

Os dados coletados inicialmente geraram uma tabela geral com o objetivo de conhecer o perfil de quem publicou (Apêndice 1). Em seguida, a fim de investigar o que liam as pessoas que escreveram os textos analisados, outra tabela foi criada para abarcar as informações sobre as referências listadas ao final de cada publicação (Apêndice 2); e dessa tabela outras foram derivadas (algumas delas acompanhando respectivos gráficos, a serem apresentados ao longo dos próximos capítulos), quais sejam: autoria das referências (Apêndice 3), quantidade de citações por autor (Apêndice 4), quantidade de citações por publicação (Apêndice 5) e veículos de publicação das referências com as respectivas localizações (Apêndice 6). Em complemento a isso, para ajudar a contextualizar os dados obtidos até então, foi usada uma planilha para tabular os dados institucionais das associações e respectivos números dos periódicos, abarcando informações como: associação responsável por cada número, participantes da AMC e da ABAC a cada número, pessoas envolvidas em cada número, responsáveis por serviços gráficos, apoio do CNPq, e relação entre quem publicou ao mesmo tempo em que estava envolvido na edição do número e/ou representação da associação (Apêndice 7). Depois disso, todos os textos (i.e., as 40 publicações e os 12 textos institucionais) foram lidos na íntegra; e fichados. Esse processo foi acompanhado, simultaneamente, pela construção da última tabela, que visou ser um resumo dos dados quantitativos e do fichamento. Seu objetivo foi dar suporte no momento de escrita do texto. Como essa tabela reuniu dados já apresentados nas demais, não consta nos Apêndices desta dissertação.

A leitura, o fichamento e a análise do conteúdo dos textos seguiram um método de aproximação com o objetivo de obter os melhores dados, pautados em uma certa homogeneidade, para, então, poder chegar a conclusões válidas; portanto, paralelamente à análise quantitativa, o conhecimento global das publicações por meio da leitura direta e geral possibilitou uma visão qualitativa pormenorizada de características também importantes que geralmente desapareceriam sob uma abordagem puramente numérica. Como mencionado, os dados foram trabalhados em três grupos, individualmente para cada periódico e o somatório dos dois, e estão apresentados, respectivamente, nos Capítulos 3 e 4 e nas Considerações Finais.

Finalmente, é importante mencionar que, apesar de as publicações terem sido sistematicamente analisadas, este estudo não esgota interpretações a respeito delas, assim como já foi dito que não se pretendeu contar “a” história. Em outras palavras, parafraseando Massimi (2010) ao comparar a escrita da história da institucionalização da Análise do Comportamento brasileira com a tecelagem e sendo as publicações os fios e a suas conexões com as memórias as tramas, há a certeza na possibilidade de não serem usados todos os fio e de existirem outras tramas.

3 MODIFICAÇÃO DE COMPORTAMENTO: PESQUISA E APLICAÇÃO

Modificação de Comportamento (1976-1977): algumas contingências para a institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil⁸

A História e a Sociologia das Ciências vêm, há algum tempo, discutindo aspectos do funcionamento da ciência a partir da conformação e institucionalização de comunidades científicas (Fleck, 1935/2010; Knorr-Cetina, 1999; Kuhn, 1962/2007). Tais comunidades científicas produzem mecanismos de institucionalização de sua disciplina, pela produção de condições de ensino, criação de manuais didáticos, circulação de periódicos especializados, promoção de associações específicas, produção de eventos, etc. Conforme afirmam Rosa, Huertas e Blanco (1996):

Las prácticas [científicas] . . . son llevadas a cabo por grupos de individuos, no son arbitrarias, sino regladas, son resultado de una determinada deriva histórica, se institucionalizan, llegando a cristalizar en grupos sociales con documentos de pertencia (p.e., colegios profesionales, clases funcionariales, grêmios, etc.) e con reglas explícitas sobre el modo de llevar a cabo las acciones que configuran la práctica . . . (p. 22)

A partir dessa definição, uma possibilidade de fazer história da ciência é escrutinar aspectos da institucionalização da disciplina, procurando descrever e analisar a relação entre tais aspectos e seu contexto de produção.

Uma das ciências cujas histórias têm se avolumado é a Psicologia e, dentro dela, a Análise do Comportamento tem ganhado destaque no campo da História da Psicologia. De acordo com alguns autores, o desenvolvimento da Análise do Comportamento tem convidado à reflexão historiográfica e, com isso, o interesse sobre aspectos históricos de tal disciplina tem aumentado (Cruz, 2006; Morris, Todd, Midgley, Schneider, & Johnson, 1990). Nos Estados Unidos da América (EUA) pode ser encontrada uma variedade de estudos, desde a indexação de fontes primárias (Morris & Smith, 2003) até o processo de constituição de uma comunidade científica analítico-comportamental (Rutherford, 2009). Outros exemplos vêm da América Latina, tais como estudos comparados do desenvolvimento inicial da Análise do Comportamento na Argentina e no Brasil (Polanco & Miranda, 2014), aspectos sul-americanos da disciplina (Ardila, 2016) e a biografia de personagens que impactaram a área

⁸ Estima-se a submissão deste artigo, modificado após a avaliação da dissertação, para a Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (Qualis CAPES B2).

local (Cândido & Massimi, 2012) e internacionalmente (Cruz, 2014). Assim, diversas têm sido as investigações historiográficas sobre a Análise do Comportamento ao redor do mundo.

Diante disso, o objetivo deste trabalho foi descrever e analisar condições associadas ao funcionamento da Associação de Modificação do Comportamento (AMC), uma das primeiras associações de Análise do Comportamento no país. Mais especificamente, o objetivo do texto foi descrever condições de instalação e funcionamento do periódico vinculado à AMC, o *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*. Metodologicamente, a investigação utilizou fontes primárias sob responsabilidade da AMC (e.g., estatuto da Associação, boletins informativos, a revista *Modificação de Comportamento*, etc). Para atingir o objetivo proposto, o texto está dividido em: (a) caracterização da AMC, e (b) caracterização do periódico, salientando aspectos da comunidade científica ali presente (e.g., quem eram, o que liam, sobre o que falavam, etc). Ao final, estima-se apresentar papéis desempenhados por tal Associação no processo de institucionalização da área, no Brasil. Esses resultados coadunam com a literatura em História das Ciências, bem como com aquilo que Witter (2007) indica como importante no estudo historiográfico de instituições científicas: “A importância das Sociedades Associações/Científicas decorre delas gerarem e preservarem a História da Ciência e das Profissões relacionadas, de criarem estímulos e condições de desenvolvimento, quer da ciência, quer da profissão” (p. 3).

Sobre a Associação de Modificação do Comportamento

Em novembro de 1974 foi fundada a AMC, entidade civil sem fins lucrativos, com sede e foro no município de São Paulo, Estado de São Paulo. Entretanto, há registros da circulação de material impresso informativo aos interessados em Análise do Comportamento e Modificação do Comportamento, no Brasil, desde abril daquele ano (Modificação de Comportamento, 1974). Isso pode sugerir certas articulações dos atores vinculados à criação da AMC que antecedem à sua efetiva institucionalização em novembro de 1974. Em sua fundação, foi organizada para funcionar por um Conselho de Coordenadores definido por votação, em assembleia. Hierarquicamente, abaixo desse Conselho estavam os seguintes comitês: de Publicações; de Congresso; de Relações Públicas; de Assuntos Legais e Éticos; de Secretaria; e de Eleições (Associação de Modificação do Comportamento, 1975a). No que tange à associação, poderiam ser sócios aqueles que estivessem em uma das três categorias: (i) assinantes da ata de fundação, (ii) aqueles que foram indicados por um dos associados, ou (iii) aqueles que demonstrassem interesse, devendo contribuir à Associação por meio de

pagamento de anuidades. Os associados poderiam votar e se voluntariar para trabalhar nos referidos comitês, além de receberem publicações periódicas da associação⁹. Em setembro de 1975, a AMC contava com aproximadamente 247 associados (Associação de Modificação do Comportamento, 1975b). A referida fonte não indica unidade federativa ou instituição a que cada uma daquelas pessoas estava vinculada, o que impossibilita verificar a preponderância de certas características. Todavia, notou-se que daquele total a maioria era composta por mulheres (n=191)¹⁰. Como se verá ao longo deste texto, essa é uma característica marcante da comunidade analítico-comportamental vinculada à AMC e ao periódico, a partir das fontes pesquisadas.

Apesar de não terem sido encontradas fontes primárias que sinalizassem quem estava envolvido com a criação da AMC, nota-se em um de seus Boletins, um conjunto de nomes referentes aos envolvidos com sua gestão (Figura 1). Em seu estatuto, também há fortes indícios da participação de Carolina Bori, visto que há sua assinatura no mesmo (Associação de Modificação do Comportamento, 1975a). Carolina Bori foi influente na institucionalização da Análise do Comportamento no país (Cândido, 2014; Cândido & Massimi, 2012, 2016) e sua assinatura em todas as páginas do estatuto sugere sua função centralizadora (i.e., uma diretoria ou presidência). Ao observar os nomes presentes em tais fontes, particularmente na Figura 1, do total de nomes citados (n=28), nota-se, novamente, uma forte presença feminina (n=25). Além disso, constata-se que uma parte daqueles nomes tornar-se-ia, em longo prazo, influente no campo, no Brasil (e.g., Lúcia Cavalcante Alburque, Maria Amália Andery e Maria Eliza Mazzilli Pereira).

⁹ Possivelmente, essas comunicações periódicas seriam as Cartas Informativas e Boletins que foram encontradas para realização desta pesquisa, por intermédio do Professor Dr. Gabriel Vieira Cândido; foram elas: sete Cartas Informativas e oito Boletins Informativos nos arquivos de Carolina Bori no Laboratório de Estudos Históricos em Análise do Comportamento da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

¹⁰ Foram elencados 48 nomes masculinos, 191 femininos e 9 cujos gêneros não foi possível identificar (e.g., Noika Bonetti e A. Rubino de Azevedo).

SECRETARIA, FINANÇAS, ADMISSÃO

O Comitê de Secretaria, Finanças e Admissão está no momento desenvolvendo o seguinte trabalho: organização e arquivamento das fichas provisórias e elaboração das fichas definitivas de inscrição dos sócios; levantamento de nomes propostos pelos sócios como possíveis interessados nas atividades da associação para encaminhamento de propostas; subscrição e envio dos Boletins; cobrança de contribuição dos associados.

Estão colaborando com a coordenadora do Comitê de Secretaria, FINANÇAS e Eleição, LUCIANA DUARTE NUNES, na cobrança da contribuição estabelecida: Mauro e Lúcia (da São Marcos); Sérgio Ozer, Leila e Kátia (do Objetivo), Maria Adelaide, Maria Amália e Maria Eliza (da Pucsp); Luís Otávio (em Campinas).

RELAÇÕES PÚBLICAS

M^{te} do Carmo Guedes
M^{te} Inês R. Silva
Lúcia C. Albuquerque
M^{te} Eliza M. Pereira
Márcia R. Savioli
Edna Peters
Adélia P. Afini
Rosângela G. Marques
Regina S. Balau
Célia Ary Udler Wrona
Carmem Pimentel Porto
Márcia da Rocha Pitta
Cecília G. Batista
Márcia S. Peteriche
Márcia C. David
Suely Gevertz
Teresa Cristina Soares
Viviana Buff

O Comitê de Relações Públicas se dividiu em subgrupos, no momento empenhados em alguns levantamentos: a) o que fazem os associados, b) cursos regulares de Modificação ocorrendo no Brasil, c) possibilidades de ocupação para o modificador. Reunindo-se no segundo sábado de cada mês, o pessoal todo troca informações sobre o andamento dos trabalhos e planeja o aproveitamento e divulgação devidos. De cada reunião sai um subgrupo para compor o Boletim do mês e a distribuição para procura e elaboração de material para o mês seguinte. Pretende-se desta forma assegurar a publicação mensal do Boletim, enquanto organizando dados que podem ser úteis a todos os associados.

Figura 1. Nomes de pessoas envolvidas com a Secretaria da Associação de Modificação do Comportamento. Fonte: Associação de Modificação do Comportamento (1975d), p. 5¹¹.

Em relação a seu estatuto, é possível observar os objetivos (Associação de Modificação do Comportamento, 1975a): “(a) o desenvolvimento da modificação do comportamento como ciência; (b) o desenvolvimento da modificação do comportamento como profissão; (c) o desenvolvimento da modificação do comportamento como um meio de promover o bem-estar humano” (p. 1).

De acordo com o referido estatuto, observa-se que a Associação se organizava de forma a promover a modificação do comportamento tanto como campo científico quanto

¹¹ Há duas páginas às quais são atribuídas essa numeração.

profissional, com um objetivo de promoção de bem-estar de pessoas. Isso era proposto por meio do desenvolvimento de pesquisas, da divulgação de materiais e do cuidado com “a qualidade do serviço de modificação do comportamento” (Associação de Modificação do Comportamento, 1975a, p. 1). Nesse sentido, para atingir tais metas é que a AMC já previa em seu estatuto, entre outras ações, a criação de um periódico específico.

Em maio de 1975, no Boletim Informativo da AMC, circulou que o Comitê de Publicações estava envolvido com a “criação, publicação e manutenção de uma revista especializada em artigos sobre modificação do comportamento” (Associação de Modificação do Comportamento, 1975d, p. 5¹²). Esse Comitê era composto por 15 nomes (Figura 2).

P U B L I C A Ç Õ E S	
D O S C O N V I N T O S	Sérgio Luna
O	Elyria Yoshida
S	Eurico Kusaka
	Sônia Meyer
	Sônia Padalino
	Lilian Mubarach
	Dinha Bara
	Raul Pacheco Fº
	Célia Gonçalves
	Lene Grandesso
	Dica Jabur
	Mario Bueno Silva
	Cintia Buschinelli
	Dina Pardini
	Márcia Paschoal
Continua na pág. 8	

Figura 2. Nomes das pessoas que compunham o Comitê de Publicações da Associação de Modificação do Comportamento e divulgação do periódico. Fonte: Associação de Modificação do Comportamento (1975d).

Pouco mais de um ano depois, em outubro de 1976, foi publicado o periódico científico intitulado *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, cuja vigência foi curta, já que em abril de 1977 foi publicada sua segunda (e última) edição.

¹² Há duas páginas às quais são atribuídas essa numeração.

Sobre Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação

A *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* foi editada pela AMC e publicada pela Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). A editora foi responsável pela publicação de outros materiais vinculados à Análise do Comportamento à época, como, por exemplo, o livro *Princípios do Comportamento* (Ferster, Culbertson, & Perrott Boren, 1978) e a revista *Psicologia*. Esse periódico, inclusive, também esteve relacionado à institucionalização da Análise do Comportamento no país, e era veiculado como uma revista de potencial interesse aos associados da AMC (Associação de Modificação do Comportamento, 1975f).

O primeiro número da *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* teve como editor Sérgio Luna, e o segundo teve Adalgisa Pereira da Silva e Flávio George Aderaldo. Luna era professor na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) enquanto Silva e Aderaldo estavam vinculados à própria HUCITEC. Ao observar todos os nomes listados como responsáveis pela editoração dos números, vê-se, além do Comitê de Publicações — cujo indicativo não aparece ao nome de cada membro, mas ao Comitê: Alexandre Moroz; Antonio Celso Goyos, Cíntia Buschinelli dos Santos, Dina Maria Pardini, Hélio José Guilhardi, José Eustáquio Dinato Bruno, Lígia Maria de Castro Marcondes Machado, Lilian Mubarach, Luiz Carlos de Freitas, Luíz Díaz, Luiz Otávio de Seixas Queiroz, Maria Amildes Motta Minichelli, Maria do Carmo Guedes, Maria Helena Leite Hunziker, Maria Lúcia Dantas Ferrara, Nilton Tuna Mateus, Roberto Alves Banaco, Sérgio Vasconcelos de Luna, Sílvio Paulo Botomé, Sônia Maria Scala Paladino, Tércia Regina S. Dias e Thelma Lunardi Lopes. Nessa listagem de nomes, alguns elementos chamam atenção; primeiramente, apesar de haver o indicativo de responsabilidade do Comitê de Publicações como uma entidade, alguns de seus membros aparecem nominalmente (e.g., Sérgio Luna); em segundo lugar, vê-se nomes relacionados a outros Comitês da própria AMC (Figura 1), como Maria do Carmo Guedes (Relações Públicas). Isso sugere que membros da própria Associação se vinculavam a diferentes tarefas, provavelmente para seu funcionamento; em terceiro lugar, constata-se que do total de nomes — incluindo aqueles abarcados pelo Comitê de Publicações — tem-se um total de 36 nomes. Desses, a maioria é, novamente, feminina (n=22).

A Tabela 1 apresenta a compilação dos textos que foram publicados (i.e., 11 textos) mais o Manual para Preparação de Originais, que pretendia servir de complemento ao Manual da *American Psychological Association*, em uma tentativa de “tornar explícitas e detalhadas as informações desse manual” (Comitê de Publicações, 1977, p. 119). Essa explanação, em

um documento à parte, parecia guardar relação com o fato de que os responsáveis pelo periódico esperavam receber contribuições de estudantes e pesquisadores iniciantes (Comitê de Publicações, 1977). Todas as publicações estão na língua portuguesa do Brasil, sendo que uma delas, original da Universidade de Manitoba (Canadá), foi traduzida por Sonia Maria Scala Padalino. A respeito da participação simultânea na autoria de qualquer uma das publicações e na edição do periódico e/ou no quadro representativo da AMC, houve apenas uma ocorrência, na segunda edição: Hélio José Guilhardi foi primeiro autor do sexto texto publicado e esteve envolvido na edição daquele número.

Tabela 1

Trabalhos publicados no periódico Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação (1976–1977)

Data	Ano	n.	Título	Autores
1976	1	1	Efeitos de um programa de matemática nos comportamentos da professora e dos alunos de uma classe de segundo ano do 1.º grau	Sérgio Antônio da Silva Leite; Potiguara Tadeu Bezerra Bastos; Norma Suely Collado Bastos
1976	1	1	Efeito do local de estudo no comportamento de estudar	Maria Olímpia Jabur
1976	1	1	A pseudo-artificialidade de sistemas de vales	Célia Maria C. Gonçalves
1976	1	1	A Análise do comportamento aplicada à Escola	Nilce Pinheiro Mejias
1976	1	1	Controle de uma cadeia de respostas de colocação de objetos em série, em crianças de cinco anos de idade	Mariuza Pelloso Lima; Ivan Antônio de Oliveira; José Antônio Küller
1977	1	2	Aumento de frequência de respostas acadêmicas para alterar a lentidão e eliminar comportamentos inadequados em um aluno de primeiro grau	Hélio José Guilhardi; Maria Estela Sigrist Betini; Maria Cecília dos Santos Camargo
1977	1	2	Redução da enurese noturna infantil: considerações sobre os efeitos do procedimento de micções noturnas planejadas em intervalos de tempo gradualmente aumentados	Vera Rebouças Pereira de Almeida
1977	1	2	Efeitos de um programa remediativo de alfabetização nos comportamentos de crianças da 1.ª série e da professora	Sérgio Antônio da Silva Leite; Marilena Kerches de O. Silva Leite; Vera Lúcia Ramires; Zulma Lane Inácio Marcondes; Maria Aparecida Araújo Guimarães
1977	1	2	Modificação de comportamento de inibição (ou de isolamento) de criança em idade escolar - Estudo de um caso	Dagmar M. L. Zibas
1977	1	2	O uso do reforçamento diferencial no treinamento de professores: um programa para instalar o comportamento de apresentação de conseqüências imediatas e explícitas ao aluno	Elias Moacir da Costa
1977	1	2	Uma revisão do sistema de fichas na pesquisa aplicada	Eugene Anthony Kaprowy
1977	1	2	Manual para a preparação de originais	Comitê de Publicações da AMC

Quem eram?

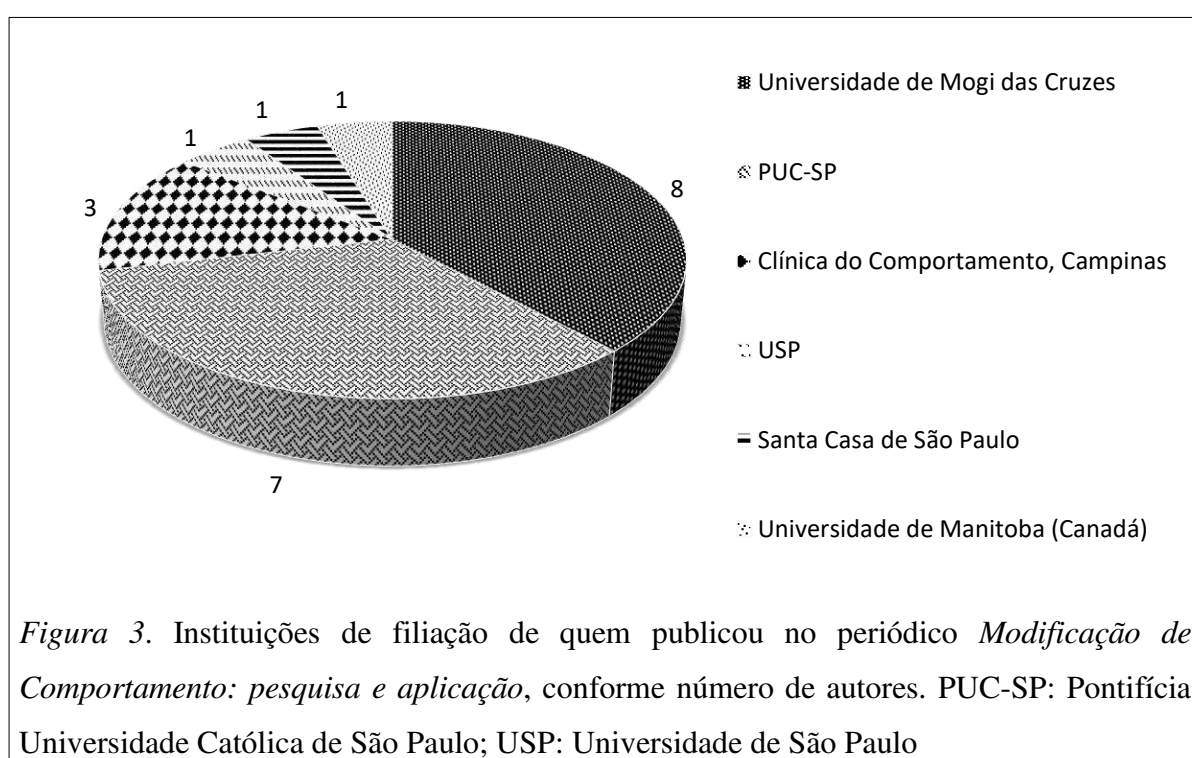
Como se vê na Tabela 1, os 11 artigos publicados foram assinados ao total por 21 autores, contabilizando os dois números do periódico. Sua publicação anual ia ao encontro daquilo que foi estabelecido no estatuto da AMC no que se refere às funções do Comitê de Publicações (i.e., “tratar da publicação de cada número de revistas e de seu nível de qualidade (pelo menos um número por ano)” [Associação de Modificação do Comportamento, 1975a, p. 4]). Quanto ao gênero das autorias, de um total de 21 autores e coautores, a maioria era referente a nomes atribuídos a mulheres (n=13). Além disso, as mulheres também se destacaram no levantamento sobre o gênero dos primeiros autores, totalizando seis contra cinco homens. Como não há indicativos de relações de orientação, não foi possível delimitar se havia alguma hierarquização entre os nomes dos autores. De toda sorte, a forte presença feminina reflete aquilo que já vinha sendo observado na constituição da AMC e vai ao encontro daquilo que Keller (1988) destacou: a contribuição de várias mulheres para o desenvolvimento da Análise do Comportamento no Brasil, citando, inclusive, nomes que podem ser encontrados no quadro da AMC e nas publicações de seus periódicos (e.g., Carolina Bori e Maria Amélia Matos). Por fim, esse resultado coaduna com o perfil tradicionalmente feminino na Psicologia, no Brasil. A literatura nos indica que desde a década de 1950 havia preponderância feminina em publicações relacionadas à Psicologia (Mota, Castro, & Miranda, 2016; Mota & Miranda, 2017). Na década de 1980, no campo profissional, havia um total de 87% de psicólogas registradas no Conselho Federal de Psicologia (Conselho Federal de Psicologia, 2013) e atualmente correspondem a pelo menos 85% (Conselho Federal de Psicologia, 2018).

No que tange ao tipo de escrita, sete textos foram escritos por apenas uma pessoa e quatro foram produzidos por duas pessoas ou mais. Esse padrão de escrita singular parece ser historicamente prevalente em publicações relacionadas à Psicologia, no país (Mota, Castro, & Miranda, 2016; Mota & Miranda, 2017). As escritas coletivas não apresentaram filiação em mais de uma instituição (i.e., cada um desses textos foi produzido em uma única instituição). Foram mencionadas seis instituições (Figura 3) e observa-se, inclusive, que a maior parte dos autores se concentra em apenas duas: Universidade de Mogi das Cruzes e PUC-SP¹³. Um ponto em comum entre as duas instituições era o fato de que vinham realizando, desde 1973,

¹³ Embora a referência seja à PUC-SP, quanto à atuação de Kerbauy, vale lembrar que o início da década de 1970 foi um momento em que a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras *Sedes Sapientiae* (onde ela trabalhava) era incorporada à PUC-SP.

trabalhos de modificação do comportamento (Modificação de Comportamento, 1974; Cury, 1996). Na primeira, o trabalho coordenado por Sérgio Leite atuava em Grupos Escolares e, na segunda, uma espécie de especialização capitaneada por Rachel Kerbauy, que já vinha, desde 1969, trabalhando com modificação do comportamento na instituição. Dessa forma, se o trabalho vinha sendo realizado há alguns anos, já poderia haver resultados a serem publicados.

A Figura 3 compila as instituições de filiação dos autores e coautores, permitindo ver que quase todas eram provenientes do Estado de São Paulo [SP] (n=10), tendo apenas uma do Canadá.



Ao observar a Figura 3, é possível aventar algumas hipóteses. Primeiro, a prevalência em estudos e autores em filiações de SP pode se referir ao fato de que, historicamente, foi um dos primeiros vetores de institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil (Cirino, Miranda, & Cruz, 2012; Guedes et al., 2006, 2008); ou seja, foi a partir de tal Estado que ocorreu aquilo que ficou conhecido como “diáspora da Análise do Comportamento” para outros estados (Guedes et al., 2006, 2008; Todorov & Hannah, 2010). A prevalência paulista pode se dever à esfera de atuação da AMC que tinha foco em SP (Botomé, 2006), ou ao fato de que a revista era editorada no estado, pela HUCITEC. Por fim, isso pode ter relação com o próprio fluxo da revista. Não há indicativos nas fontes pesquisadas se a submissão ocorria por demanda espontânea ou convite, tampouco se havia revisão por pares. Ao observar

novamente o estatuto da AMC, constata-se que uma das atribuições do Conselho de Publicações era “convidar pessoas a mandarem artigos como possível publicações em revistas da Associação” (Associação de Modificação do Comportamento, 1975a, p. 4). Dessa forma, se havia “convite” aos autores, mesmo com revisão por pares, havia maior probabilidade de convite no estado de SP, já que era um círculo de relação fisicamente mais próximo.

Em relação à presença de uma instituição canadense, Universidade de Manitoba, nota-se influência de personagens vinculados a tal instituição desde o estabelecimento da AMC. Em uma nota publicada em uma Carta Informativa, intitulada *Modificação de Comportamento*¹⁴, datada de novembro de 1974, lê-se:

No dia 25 de novembro p.p. realizou-se uma reunião na PUC-SP, sob a coordenação do Professor Garry L. Martin, com o objetivo de criar uma Associação de Modificadores de Comportamento, no Brasil, a exemplo da experiência realizada em Manitoba, Canadá (p.3).

Ainda no que se refere à participação de Garry Martin, entre 1973 e 1974, ele lecionou um curso sobre *Modificação de Comportamento*, na PUC-SP (Cury, 1996; Mejias, 1997). Alguns brasileiros envolvidos com cursos (e.g., Luiz Otávio Seixas Queiroz, Hélio Guilhardi e Maria do Carmo Guedes) estavam vinculados a Comitês da AMC, tais como Assuntos Legais e Éticos (Luiz Otávio Queiroz e Hélio Guilhardi), Relações Públicas (Maria do Carmo Guedes) e Secretaria, Finanças e Admissão (Luiz Otávio Queiroz). Assim, a veiculação de materiais da Universidade de Manitoba, mesmo que a autoria não se referisse a Gary Martin, pode ser interpretada a partir de tal conexão com o estabelecimento da modificação do comportamento no país. Além disso, se o modelo canadense era aquele que pautaria o estabelecimento do campo no Brasil, ele deveria circular.

O que e quem liam?

Os 11 textos publicados no *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* citaram um total 143 referências, sem excluir repetições de materiais. Ainda, houve destaque às 102 consultas a periódicos; os livros apareceram em 36 ocorrências, e outros tipos de material totalizaram 5. No que se refere aos periódicos, chama atenção a frequência de ocorrência do *Journal of Applied Behavior Analysis* [JABA] (n=72). O JABA foi um

¹⁴ Criada em 1974, com o objetivo de proporcionar maior contato entre os profissionais da área, era editada por S.R.P. Gorayeb e V.R.L. Otero. Não há indicativo de que haja ligação com a AMC

periódico criado por aqueles envolvidos com a comunidade analítico-comportamental estadunidense interessada em aspectos aplicados do campo, uma vez que tal grupo tinha dificuldades em circular suas produções nos EUA (Wolf, 1993). Ademais, Wolf sinaliza que o outro periódico em que tal comunidade poderia publicar era a *Behavior Research and Therapy* (BRT), um periódico britânico vinculado a Hans Eysenck, um dos precursores das terapias comportamentais. Assim, não parece ser por acaso que a BRT foi a segunda revista mais frequente (n=5). As próximas quatro revistas mais frequentes eram vinculadas, fortemente, aos campos da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia da Educação, como, por exemplo, *Child Development* (n=3) e *Psychology in the School* (n=3). No campo dos livros, os dados referentes às editoras mais recorrentes podem ser observados na Tabela 2, em que nota-se uma participação de brasileiros, mexicanos, estadunidenses e canadenses.

Tabela 2

Lista das editoras com mais de uma ocorrência nas referências das publicações de
Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação

Nome	País	Frequência
Editora da Universidade de São Paulo	Brasil	4
The University of Calgary	Canadá	4
Appleton-Century-Crofts	EUA	3
Editora FTD	Brasil	3
Editorial F. Trillas	México	3
Scott, Foresman and Co.	EUA	2

Do total de materiais citados, a maior parte estava em outros idiomas (n=122), especialmente a língua inglesa (n=119) e com apenas algumas na espanhola do México (n=3). Pode-se entender a prevalência de citações em inglês a partir das conexões entre Brasil e EUA, à época. Em primeiro lugar, isso pode se dever ao fato de que a Análise do Comportamento foi “inventada” nos EUA e, assim, historicamente, dali proveria um vetor influente de sua circulação para outros locais do mundo (Cruz, 2014; Rutherford, 2009). Em segundo lugar, ainda referente ao contexto estadunidense, o final da década de 1960 e início da de 1970 foram marcadas pela “saída” da Análise do Comportamento dos laboratórios com sujeitos não humanos para a aplicação com humanos (Rutherford, 2003, 2009). Por exemplo, houve a criação do JABA, a articulação do trabalho com crianças, com Sidney Bijou, e com

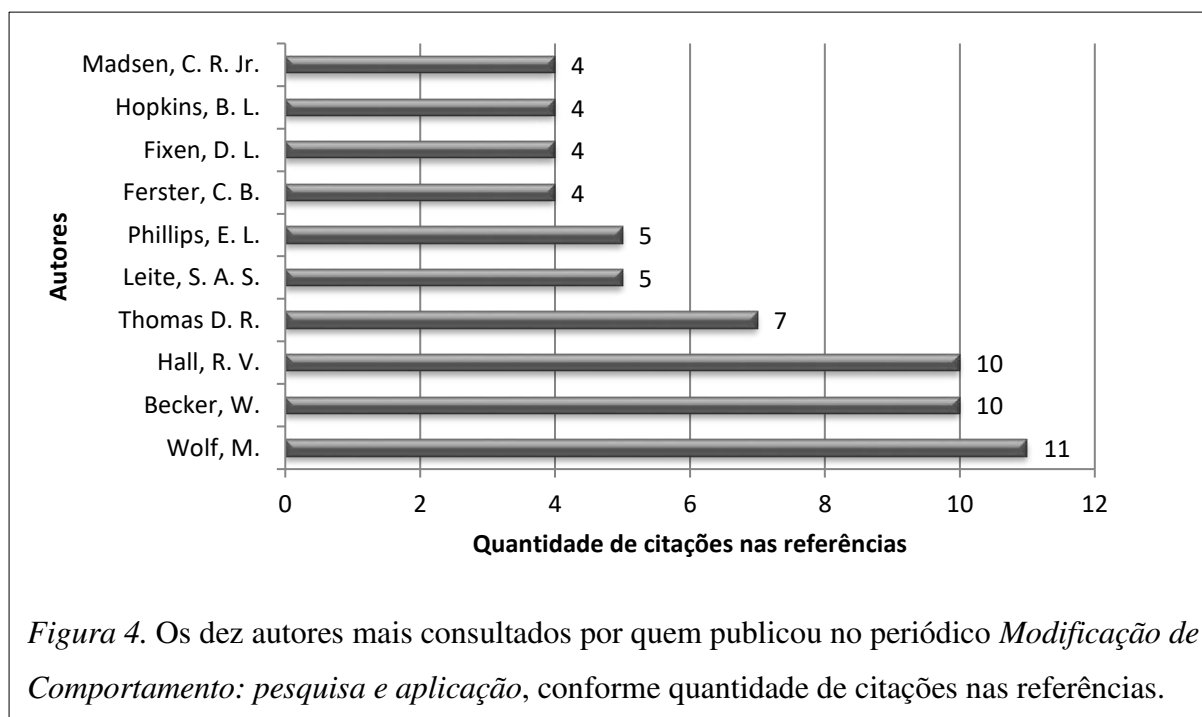
pacientes psiquiátricos, com Odgen Lidsley. Nesse cenário, houve a expansão de produções relacionadas à modificação do comportamento em diferentes contextos, ocasionando, inclusive, um debate sobre sua definição e suas aplicações (Kazdin, 1978; London, 1972; Stoltz, Wienckowski, & Brown, 1975). Assim, se houve circulação de conhecimentos e práticas analítico-comportamentais dos EUA para o Brasil, uma parte estaria relacionada à modificação do comportamento. Em terceiro lugar, as histórias da Análise do Comportamento no país sinalizam a íntima relação da institucionalização do campo e sua relação com os EUA (Akerá, 2017; Cirino, Miranda, & Cruz, 2012). Por exemplo, Keller, a quem é creditado o pioneirismo da introdução sistematizada do campo no Brasil, era estadunidense e ali trabalhava. Por fim, vale lembrar que, entre as décadas de 1960 e 1970 houve a aproximação científica do Brasil e dos EUA, como consequência de um conjunto de medidas relacionada à *United States Agency for International Development* (Motta, 2014). Ademais, essa aproximação científica impactou a história da Psicologia no geral (Campos, Jacó-Vilela, & Massimi, 2010) e, mais especificamente, a história da Análise do Comportamento no país (Souza Júnior, Miranda, & Cirino, no prelo).

No caso do espanhol, nota-se que todas as produções foram publicadas no México. Todavia, o material veiculado em espanhol não era de autores latinos, já que eles eram Charles Ferster, Ian Wickes, Jay Birnbrauer, Julia Lawler, Mary Perrot, Montrose Wolf e Tom Williams. Apesar disso, deve-se observar que no processo de circulação da Análise do Comportamento na América Latina e América do Sul, um dos primeiros locais foi o México. Por exemplo, no México foi criada uma das primeiras comunidades *Walden*, baseadas das propostas de planejamento cultural de Skinner (1948/1972), em 1973, a comunidade *Los Horcones*. Ainda no México, em 1967, Sidney Bijou e Theodore Ayllon, dois influentes vetores da modificação do comportamento, estiveram em universidades mexicanas (Colotla & Ribes-Iñesta, 1981). Em seguida, diferentes países nas Américas se apropriaram da Análise do Comportamento a partir da circulação do campo, quais sejam a Colômbia e a Venezuela (Ardila, 1982, 2016). Vale ressaltar, inclusive, que a publicação em língua espanhola foi, para alguns analistas do comportamento, um instrumento para circular certas perspectivas, como, por exemplo, o texto *¿Servirán los principios conductuales para los revolucionarios?* (Holland, 1973/2016). Além disso, ao observar outras fontes primárias (i.e., boletins informativos), nota-se que os brasileiros vinculados à AMC estavam se organizando com outros países americanos; por exemplo, no Boletim Informativo de abril de 1975 há a notícia da organização de um evento interamericano a ser realizado no Canadá, em 1976, com a participação de representantes do Brasil, Canadá, EUA e México (Associação de Modificação

do Comportamento, 1975c). Outro exemplo é, no mesmo Boletim, a circulação da *Revista Mexicana de Analisis de la Conducta* como potencial material de leitura. Dessa forma, a potencial leitura e menção a produções em espanhol sugere certa conexão daqueles que publicavam no AMC com partes do processo de circulação da Análise do Comportamento na América Latina e América do Sul.

Ao observar os nomes de autores citados dentre aquelas 143 referências, chama atenção o fato de que houve apenas uma menção a obras de Skinner — *Contingencies of reinforcement: a theoretical analysis* — e duas às de Keller — *Good-bye teacher* e *Um curso moderno de Psicologia*. Isso contraria a hipótese inicial de que os dois autores seriam recorrentes porque (a) Skinner foi o principal proponente da Análise do Comportamento e (b) Keller foi um dos principais responsáveis pela circulação da área (especialmente no Brasil).

Entre os autores mais citados, Sérgio Antônio da Silva Leite aparece entre os dez mais consultados devido às autocitações e não por ser um autor amplamente consultado pela comunidade à época (Figura 4).



Nesse *ranking* da Figura 4, há destaque para estudiosos das aplicações da Análise do Comportamento e da Análise do Comportamento Aplicada (popularmente conhecida como ABA, sigla do inglês *applied behavior analysis*), como, por exemplo, Montrose Wolf e Vance

Hall¹⁵. O primeiro foi um influente vetor no estabelecimento da ABA como “braço” da Análise do Comportamento, em um momento de controvérsias do campo (Wolf, 1993; Baer, Wolf, & Risley, 1968). O segundo, no campo das aplicações clínicas, chegou a ter obras traduzidas de modificação e manipulação do comportamento, no Brasil, à época (Hall, 1973). Chama atenção, também, a presença de Charles Ferster que, à época, vinha discutindo aspectos de psicoterapia relacionados à Análise do Comportamento (Ferster, 1972). É interessante observar que a influência de tais autores se deu, também, por sua presença no Brasil. Em julho de 1975, Ferster e Donald Baer estiveram no Brasil, em Belo Horizonte e São Paulo (Modificação de Comportamento, 1975). Baer, em uma entrevista concedida à AMC em 1975, na ocasião de sua visita, indicou uma percepção positiva sobre os conhecimentos dos modificadores do comportamento no país (ver Figura 5). Ele salientou, inclusive, que as aplicações brasileiras estavam *pari passu* àsquelas que ele observava alhures. Dessa forma, nota-se influências do campo aplicado da Análise do Comportamento na AMC, à época. Isso ocorreu tanto pela leitura e citação de tal material quanto pela visita de alguns daqueles autores ao Brasil.

1a. QUESTÃO: Qual foi a sua impressão sobre a Modificação de Comportamento no Brasil?

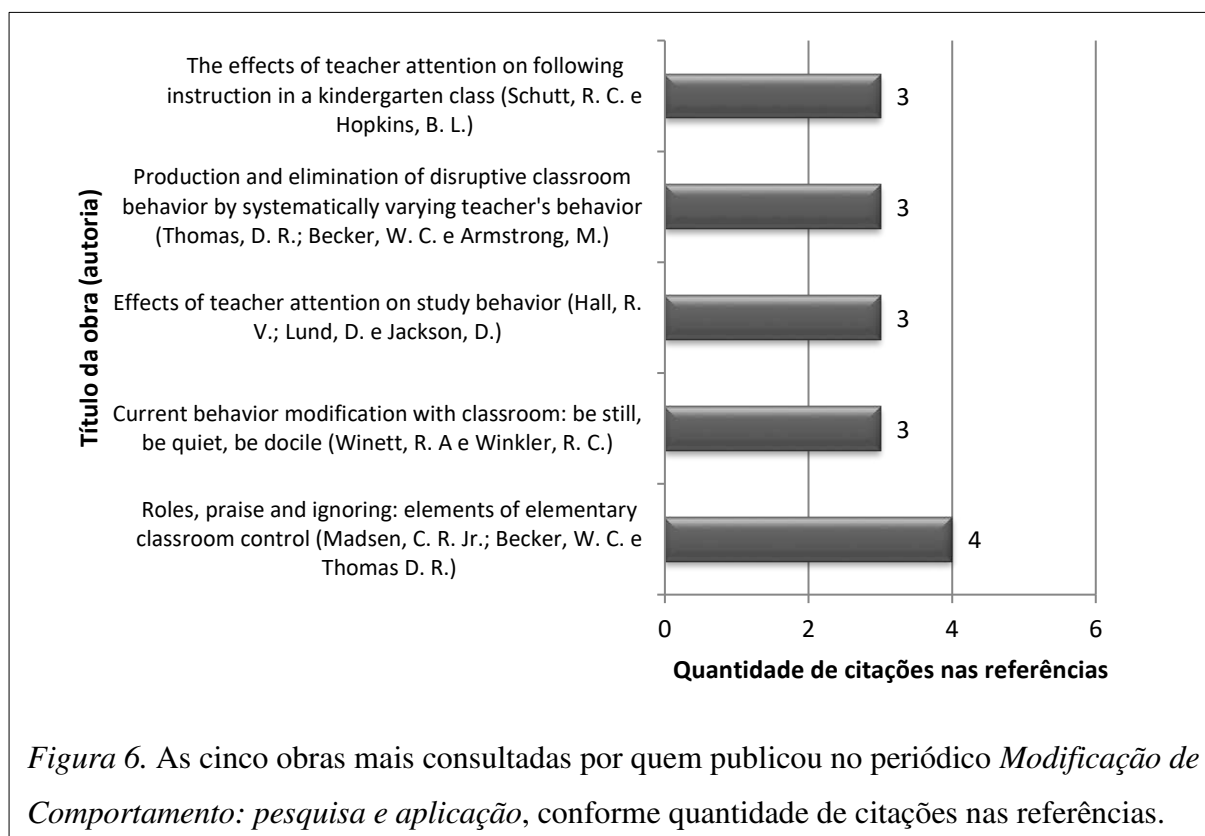
Dr. Baer: Eu encontrei um vasto conhecimento de M.C. no Brasil. Parece que os brasileiros leram cuidadosamente toda a literatura mundial e a compreenderam muito bem. Eles estão atualizados. Encontrei também um núcleo muito bom de pesquisa básica operante que está desenvolvendo pesquisas tão sofisticadas quanto as que se fazem em qualquer outra parte do mundo, apesar da falta de equipamento e de apoio para esse tipo de pesquisa. Repito, o nível de conhecimento nesse campo é excelente!

Figura 5. Entrevista concedida por Donald Baer à Comissão de Relações Públicas da AMC. Fonte: Associação de Modificação do Comportamento, 1975e.

Na Figura 6, estão as obras mais consultadas, conforme quantidade de citações nas referências das publicações. Nela, vê-se que todas as obras têm relação com o campo

¹⁵ Optou-se por fazer uma distinção entre a aplicação da Análise do Comportamento e a ABA. O primeiro se referiria à inserção da Análise do Comportamento em contexto aplicado (e.g., escolas, psicoterapia, etc) e o segundo seria a utilização da ABA, isto é, aplicações que respeitassem a oito características definidas por Baer, Wolf, e Risley (1968).

educacional, desde o estabelecimento de contingências para a educação infantil até o trabalho com comportamentos disruptivos em sala de aula. Como será possível constatar, mais à frente, aqueles que publicavam na *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* estavam fortemente interessados nas aplicações da Análise do Comportamento na educação. Isso também será observado nos interesses mais gerais daqueles vinculados à própria AMC.



Um ponto de análise é a relação entre os autores e as obras mais citadas (Figura 4 e Figura 6, respectivamente). Note-se que o livro mais citado é *Rules, Praise, And Ignoring: elements of elementary classroom control*, de Madsen, Becker, e Thomas (1968); e todos esses autores estão entre os dez mais citados. Isso pode sugerir que, além dos autores serem influentes, no geral, eles possuíam obras de referência específica para aqueles que publicavam no periódico. Por exemplo, Don Thomas é o terceiro autor mais citado ($n=7$) e, desse total, duas de suas obras estão entre as mais mencionadas. Isso pode sugerir não apenas que suas obras eram referências — já que estão entre as mais citadas —, mas que ele próprio era uma referência, uma vez que era consultado em mais de um trabalho. Outro exemplo é Montrose Wolf, que foi o autor mais citado mas não teve uma obra dentre as mais recorrentes. Isso pode

sugerir, igualmente, que variados trabalhos dele seriam referências para os brasileiros, já que não houve concentração em apenas uma obra.

Sobre o que falavam?

A maior parte dos trabalhos veiculados no *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* não contava com uma conceituação clara onde eles se inseriam, se no campo da intervenção, do empiricismo (experimental) ou do filosófico-conceitual da Análise do Comportamento (maiores detalhes em Tourinho, 1999). Dessa forma, a categorização dos 11 artigos veiculados no *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* foi procedida da seguinte forma: (1) Grande área, como Desenvolvimento Humano ou Educação; (2) Tipo de pesquisa quanto aos procedimentos (e.g., experimental, estudo de caso); e (3) Tipo de pesquisa quanto à natureza (i.e., se ela era aplicada, teórico-conceitual, etc). A partir de tal categorização, observou-se que a grande área mais recorrente foi Educação (n=7), com foco particular em ambiente escolar. No que tange ao tipo de pesquisa, procedimentalmente, as experimentais foram mais comuns (n=6) e, quanto à sua natureza, foram recorrentes as aplicadas (n=8)¹⁶. Entretanto, os resultados da categorização não coadunam no que se refere aos tipo de pesquisa — procedimentos e natureza — com trabalhos presentes na literatura (Cesar, 2002; Micheletto, Guedes, Cesar, & Pereira, 2010). Esses trabalhos indicam que a maior parte dos textos analítico-comportamentais veiculados em periódicos brasileiros em meados da década de 1970 eram pesquisas básicas. Tais diferenças podem se dever ao fato de que os trabalhos consultados utilizam mais fontes do que as que foram utilizadas neste trabalho, ou às diferenças na forma de categorização do material. Todavia, tanto esta categorização quanto aquelas da literatura especializada salientam a prevalência do interesse pela grande área da educação.

O interesse pela temática da Educação parece guardar relação com a história da Análise do Comportamento no país (Akerá, 2017; Cirino, Miranda, & Cruz, 2012; Cirino, Miranda, & Souza Júnior, 2012). Nessa seara, nota-se desde trabalhos de intervenção até reflexões teórico-conceituais. No campo da intervenção, nota-se interesse por comportamentos disruptivos ou inadequados em ambiente escolar (e.g., Guilhardi, Betini, & Camargo, 1977; Jabur, 1976; Leite, Bastos, & Bastos, 1976; Zibas, 1977). Esses trabalhos

¹⁶ Vale ressaltar que o número extrapola os 11 textos porque, um mesmo artigo foi categorizado 3 vezes, uma para grande área, outra para procedimentos e, por fim, quanto à natureza.

procuravam, via de regra, diminuir a frequência de comportamentos inadequados por meio do foco no aumento do desempenho acadêmico de crianças. Esse tipo de intervenção, com estabelecimento de concorrentes ao comportamento-queixa parecia ir de encontro ao que parecia ser mais comum à época: “... a maioria dos estudos experimentais divulgados tem considerado o problema da manipulação de comportamentos inadaptados em sala de aula através do uso de reforçamento social ... enquanto que o desempenho acadêmico tem recebido pouca atenção.” (Leite, Bastos, & Bastos, 1976, p. 2).

Na mesma direção, outro artigo delineou seus objetivos: “... trabalhar diretamente com o desempenho acadêmico do aluno e, paralelamente, observar o que ocorre com os comportamentos inadequados.” (Guilhardi, Betini, & Camargo, 1977, p. 3).

Complementando trabalhos de intervenção, havia trabalhos refletindo sobre o lugar da Análise do Comportamento aplicada à escola (Mejias, 1976):

Nós não temos, como nas escolas americanas, uma tradição de formação do psicólogo escolar nos moldes do psicólogo clínico. Aliás, não nos parece que tenhamos ainda uma tradição de formação do psicólogo escolar. E a própria presença do psicólogo, em nossas escolas, ainda é uma exceção e quase um privilégio de instituições particulares de nível sócio-econômico elevado. (p. 48)

Dessa forma, parece que os trabalhos na grande área Educação procuravam, não apenas estabelecer aplicações da Análise do Comportamento para comportamentos relevantes; os artigos procuravam, também, refletir sobre a própria Análise do Comportamento e, eventualmente, sobre a própria Psicologia no contexto escolar.

Quando focou-se o tipo de pesquisa pelos seus procedimentos, cuja prevalência foi de delineamentos experimentais, notou-se que tais investigações também ocorriam em contexto educacional (e.g., Costa, 1977; Jabur, 1976; Leite, Bastos, & Bastos, 1976; Leite, Leite, Ramires, Marcondes, & Guimarães, 1977). Os sujeitos experimentais eram tanto as crianças, alunas das escolas, quanto os professores delas. Todavia, a maioria de tais estudos procuravam observar os efeitos de arranjos de diferentes contingências no responder das crianças, como, por exemplo, na mudança do comportamento de estudar (Jabur, 1976) ou ampliação de repertórios de estudo concorrentes ao responder inadequado (Guilhardi et al., 1977). Assim, o repertório dos professores ficava em segundo plano, com apenas um estudo cujo objetivo foi observar os efeitos de um treino de alfabetização sobre o repertório da professora (Leite et al., 1977).

Ao focalizar os tipos das pesquisas quanto à sua natureza, vê-se que a aplicação da Análise do Comportamento, embora recorrente em ambiente escolar, também aparecia a partir de estudos de caso (e.g., Gonçalves, 1976; Almeida, 1977; Zibas, 1977). O texto de Gonçalves (1976), por exemplo, discutia características da economia de fichas (*token economy*) como possibilidade de manejo comportamental em contexto aplicado. A autora, mais especificamente, refletia sobre o fato de que tal procedimento não é, necessariamente, artificial. Nas palavras da autora:

A diferença entre cada uma das possíveis áreas de aplicação de sistema de vales (escola, hospital psiquiátrico, prisões, instituições para excepcionais) encontra-se nas classes de comportamentos escolhidos e/ou nas categorias de consequências e S^D's e não manter relação desses componentes com as fichas ou pontos entre eles. Ou seja, o arranjo de contingências deveria ter objetivos comuns (p.38).

Outro exemplo é o texto de Almeida (1977), cujo trabalho procurava intervir em casos de enurese noturna. Esse estudo envolveu orientação às mães das crianças, a fim de que cumprissem o papel inicial de observadoras e, então, colocassem em prática a técnica de chamamentos noturnos. Devido a questões éticas e técnicas (e.g., tempo para execução), não foi possível haver um controle experimental e, por esse motivo, a pesquisa foi considerada estudo de caso.

Assim, notou-se que o coletivo que publicava no *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* parecia se preocupar predominantemente com temas educacionais, com destaque para a diminuição de frequência de comportamentos inadequados; para tanto, o foco esteve no desempenho acadêmico. Todos os trabalhos experimentais tinham como meta a mudança de comportamento de menores de idade, mesmo na única pesquisa em que os sujeitos eram os professores. O sistema de fichas foi defendido como uma técnica eficiente da área, apesar de apresentar alguns problemas e de serem necessárias pesquisas adicionais. Os trabalhos foram majoritariamente do tipo experimental e todos apresentaram natureza aplicada, reiterando a inferência de que essa comunidade possivelmente via a análise do comportamento aplicada como sinônimo de aplicação da análise do comportamento.

Considerações Finais

As informações coletadas nos dois números de *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* sugerem que a comunidade de analistas do comportamento estava

bastante ocupada com questões educacionais, especialmente com a diminuição de frequências de comportamentos inadequados. Essa informação em conjunto com a escassez de pesquisa básica denota que possivelmente esse coletivo estava voltado ao mercado de trabalho e/ou não achava a pesquisa básica tão necessária quanto a aplicada. As pesquisas com sistemas de fichas corroboram inferências no sentido de disciplinar crianças e adolescentes objetivando a diminuição de comportamentos-problema. Finalmente, os argumentos ao longo das publicações sugerem que essa comunidade possivelmente não diferenciava aplicação da Análise do Comportamento de Análise do Comportamento Aplicada; no entanto mais investigações precisam ser feitas para considerar essa hipótese, dado o tamanho da amostra utilizada.

Referências

- Akera, A. (2017). Bringing radical behaviorism to revolutionary Brazil and back: Fred Keller's Personalized System of Instruction and ColdWar engineering education. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 00, 1–19. doi: 10.1002/jhbs.21871
- Almeida, V. R. P. (1977). Redução da enurese noturna infantil: considerações sobre os efeitos do procedimento de micções noturnas planejadas em intervalos de tempo gradualmente aumentados. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (2), 31–60.
- Ardila, R. (1982). International Developments in Behavior Therapy in Latin America. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 13(1), 15–20.
- Ardila, R. (2016). El estudio del comportamiento y sus vicisitudes en la América situada al sur del Río Grande. In R. E. Mardones (Ed.), *Historia local de la Psicología* (pp. 145–158). Santiago de Chile: RIL Editores. ISBN: 978-956-01-0272-0.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975a). *Estatutos da Associação de Modificação do Comportamento*. Cópia em posse da autora.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975b). *Relação de Sócios (até setembro de 75) da Associação de Modificação de Comportamento – São Paulo*. Cópia em posse da autora.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975c). *AMC Boletim Informativo* (Vol. 1, No. 1, abril). Cópia em posse da autora.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975d). *AMC Boletim Informativo* (Vol. 1, No. 2, maio). Cópia em posse da autora.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975e). *AMC Boletim Informativo* (Vol. 1, No. 5). Cópia em posse da autora.

- Associação de Modificação do Comportamento. (1975f). *AMC Boletim Informativo* (Vol. 3, No 4). Cópia em posse da autora.
- Baer, D. M., Wolf, M. M., & Risley, T. R. (1968). Some current dimensions of Applied Behavior Analysis. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1, 91–97.
- Botomé, S. P. (2006). Contribuições, Participação, Organização e Representação da Análise Experimental do Comportamento nos Eventos e na Organização da Psicologia no Brasil: a ABPMC como condição e ponto de partida. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 217–231.
- Campos, R. H. F., Jacó-Vilela, A. M., & Massimi, M. (2010). Historiography of Psychology in Brazil: pioneer works, recent developments. *History of Psychology*, 13(3), 250–276. doi: 10.1037/a0020550
- Cândido, G. V. (2014). *O desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil: contribuições de Carolina Martuscelli Bori* (Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP). Disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-28102014-093710/publico/TESE_VERSAO_CORRIGIDA.pdf
- Cândido, & Massimi. (2012). Contribuição para a formação de psicólogos: análise de artigos de Carolina Bori publicados até 1962 [Número Especial]. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 246–263.
- Cândido, G. V., & Massimi, M. (2016). Psicologia como ciência do comportamento na atuação e obra de Carolina Martuscelli Bori: décadas de 1950 e 1960. *Revista Argentina de Ciencias del Comportamiento*, 8(2), 30–38. Disponível em <https://revistas.unc.edu.ar/index.php/racc/article/view/10027>
- Cesar, G. (2002). *Análise do comportamento no Brasil: uma revisão histórica de 1961 a 2001, a partir de publicações* (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo). Disponível em http://www.itehcampinas.com.br/itech_textos/historiadaanalisedocomportamentonobrasi1.pdf
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., & Cruz, R. N. (2012). The Beginnings of Behavior Analysis Laboratories in Brazil: a pedagogical view. *History of Psychology*, 15(3), 263–272.
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., & Souza Júnior, E. J. (2012). The Laboratory of Experimental Psychology: establishing a psychological community at a Brazilian university. *Interamerican Journal of Psychology*, 46, 135–142.
- Colotla, V. A., & Ribes-Iñesta, E. (1981). Behavior Analysis in Latin America: a historical overview. *Spanish-Language Psychology*, 1, 121–136.
- Comitê de Publicações. (1977). Manual para preparação de originais. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (2), 119–124.
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Uma profissão de muitas e diferentes mulheres: resultado preliminar da pesquisa 2012*. Brasília, DF: Autor.

- Conselho Federal de Psicologia (2018, abril). *A Psicologia brasileira apresentada em números*. Disponível em <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>
- Costa, E. M. (1977). O uso de reforçamento diferencial no treinamento de professores: um programa para instalar o comportamento de apresentação de conseqüências imediatas e explícitas ao aluno. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (2), 91–103.
- Cruz, R. N. (2006). História e Historiografia da Ciência: considerações para pesquisa histórica em análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 161–178.
- Cruz, R. N. (2014). Desconhecimento e liberdade no caminho de uma nova ciência do comportamento. *Scientiae & Studia*, 12, 465–490. doi: 10.1590/S1678-31662014000300004
- Cury, S. (1996). Gary Martín e a experiência na PUC-SP. In R. A. Banaco (Org.), *Sobre Comportamento e Cognição* (Vol. 2, pp. 24–30). Santo André, SP: Arbytes.
- Ferster, C. B. (1972). An experimental analysis of clinical phenomena. *The Psychological Record*, 22, 1–16.
- Ferster, C. B., Culbertson, S., & Perrott Boren, M. C. (1978). *Princípios do Comportamento*. São Paulo, SP: HUCITEC.
- Fleck, L. (2010). *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Belo Horizonte, MG: Fabrefactum. (Obra original publicada em 1935).
- Gonçalves, C. M. C. (1976). A pseudo-artificialidade de sistemas de vales. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (1), 33–40.
- Guedes, M. C., Queiroz, A. B. M., Campos, A. C. H. F., Fonai, A. C. V., Silva, A. P. O., Sampaio, A. A. S. . . . Pinto, V. J. C. (2006). Institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil: uma perspectiva histórica. In M. A. Andery, N. Micheletto, & T. M. Sérgio (Eds.), *Behaviors: Ciência Básica, Ciência Aplicada* (Vol. 10, pp. 17–29). São Paulo, SP: Laboratório de Psicologia Experimental PUCSP.
- Guedes, M. C., Cândido, G. V., Belloti, A. C., Giolo, J. C. C., Vieira, M. C., Matheus, N. M. . . . Gurgel, T. G. (2008). A introdução da Análise do Comportamento no Brasil: vicissitudes. In M. A. Andery, N. Micheletto, & T. M. Sérgio (Eds.), *Behaviors: Ciência Básica, Ciência Aplicada* (Vol. 12, pp. 41–57). São Paulo, SP: Laboratório de Psicologia Experimental da PUCSP, 2008.
- Guilhardi, H. J., Betini, M. E. S., & Camargo, M. C. S. (1977). Aumento de frequências de respostas acadêmicas para alterar a lentidão e eliminar comportamentos inadequados em um aluno de primeiro grau. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (2), 1–30.
- Hall, R. V. (1973). *Manipulação de comportamento: modificação do comportamento* (Vol. 3). São Paulo, SP: EPU; Ed. Univ. S. Paulo.

- Holland, J. G. (2016). Os princípios comportamentais servem para os revolucionários? [Número Especial]. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18, 104–117. (Obra original publicada em 1973).
- Jabur, M. O. (1976). Efeitos do local de estudo no comportamento de estudar. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (1), 19–32.
- Kazdin, A. E. (1978). *History of Behavior Modification: experimental foundations of contemporary research*. Baltimore, MD: University Park Press.
- Keller, F. S. (1988). Mulheres analistas do comportamento no brasil (passado e presente). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(1), 43–46.
- Knorr-Cetina, K. (1999). *Epistemic cultures: how the sciences make knowledge*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Kuhn, T. S. (2007). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, SP: Perspectiva. (Obra original publicada em 1962).
- Leite, S. A. S., Bastos, P. T. B., & Bastos, N. S. C. (1976). Efeitos de um programa de matemática nos comportamentos da professora e dos alunos de uma classe de segundo ano do 1.º grau. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (1), 1–18.
- Leite, S. A. S., Leite, M. K. O. S., Ramires, V. L., Marcondes, Z. L. I., & Guimarães, M. A. A. (1977). Efeitos de um programa remediativo de alfabetização nos comportamentos de crianças da 1.ª série e da professora. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (2), 61–76.
- London, P. (1972). The end of ideology in behavior modification. *American Psychologist*, 913–920.
- Madsen, C. H., Becker, W. C., & Thomas, D. R. (1968). Rules, Praise and Ignoring: elements of elementary classroom control. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1(2), 139–150.
- Mejias, N. P. (1976). A Análise do Comportamento aplicada a escola. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (1), 41–50.
- Mejias, N. P. (1997). A história da modificação do comportamento no Brasil. In M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição: a prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (Vol. 2, pp. 8–17). São Paulo, SP: Arbytes.
- Micheletto, N., Guedes, M. C., César, G., & Pereira, M. E. M. (2010). Disseminação do conhecimento em Análise do Comportamento produzido no Brasil (1962–2007). In E. Z. Tourinho, & S. V. Luna (Eds.), *Análise do Comportamento: investigações históricas, conceituais e aplicadas* (pp. 101–125). São Paulo, SP: Roca.
- Modificação de Comportamento. (1974, abril). *Carta Informativa* (No. 2). Cópia em posse da autora.
- Modificação de Comportamento. (1975, novembro). *Carta Informativa* (No. 7). Cópia em posse da autora.

- Morris, E. K., & Smith, N. G. (2003). Bibliographic processes and products, and a bibliography of the published primary-source works of B. F. Skinner. *The Behavior Analyst*, 23, 41–67.
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L. M. (1990). The History of Behavior Analysis: some historiography and a bibliography. *The Behavior Analyst*, 13(2), 131–158.
- Mota, A. M. G. F., Castro, E. A., & Miranda, R. L. (2016). “Problemas de Ajustamento” e “Saúde Mental”: controvérsias em torno de um objeto psicológico. In L. P. Almeida (Org.), *Políticas Públicas, Cultura e Produções Sociais* (Vol. 1, pp. 51–69). Campo Grande, MS: Editora da Universidade Católica Dom Bosco.
- Mota, A. M. G. F., & Miranda, R. L. (2017). Desvelando estilos de pensamento: “Diagnósticos” nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (1949–1968). In A. O. S. A. Duarte, M. F. P. Cassemiro, & R. H. F. Campos. (Orgs.). *Psicologia, educação e o debate ambiental: questões históricas e contemporâneas* (Vol. 1, pp. 277–288). Belo Horizonte, MG: FAE/UFMG; CDPHA.
- Motta, R. P. S. (2014). *As universidades e o regime militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Polanco, F. A., & Miranda, R. L. (2014). Recepción del Conductismo en Argentina y Brasil: un estudio comparativo, 1960–1970. *Universitas Psychologica*, 13, 2035–2045.
- Rosa, A., Huertas, J. A., & Blanco, F. (1996). *Metodología para la Historia de la Psicología*. Madrid, Mad.: Alianza.
- Rutherford, A. (2003). Skinner boxes for psychotics: operant conditioning at Metropolitan state hospital. *The Behavior Analyst*, 26(2), 267–279.
- Rutherford, A. (2009). *Beyond the box: B. F. Skinner’s technology of behavior from laboratory to life, 1950s–1970s*. Toronto, ON: University of Toronto Press.
- Skinner, B. F. (1972). *Walden II: uma sociedade do futuro*. São Paulo, SP: Editora Pedagógica e Universitária Ltda. (Obra original publicada em 1948).
- Souza Júnior, E. J., Miranda, R. L., & Cirino, S. D. (no prelo). A recepção da instrução programada como abordagem da análise do comportamento no Brasil nos anos 1960 e 1970. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*.
- Todorov, J. C., & Hanna, E. S. (2010). Análise do Comportamento no Brasil [Número Especial]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 143–153.
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7(3), 213–222.
- Stolz, S. B., Wienckowski, L. A., & Brown, B. S.. (1975, November). Behavior Modification: a perspective on critical issues. *American Psychologist*, 1027–1048.
- Witter, G. P. (2007). Importância das sociedades/associações científicas: desenvolvimento da ciência e formação do profissional-pesquisador. *Boletim de Psicologia*, 57, 1–14.

- Wolf, M. M. (1993). Remembrances of issues past: Celebrating JABA's 25th anniversary. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 26(4), 543-544. doi: 10.1901/jaba.1993.26-543.
- Zibas, D. M. L. (1977). Modificação de comportamento de inibição (ou de isolamento) de criança em idade escolar — estudo de um caso. *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, (2), 77-90.

Cadernos de Análise do Comportamento: periódico alternativo e instrumento de resistência da Associação de Modificação do Comportamento e da Associação Brasileira de Análise do Comportamento¹⁷

É crescente o reconhecimento de que não existe neutralidade na ciência e, portanto, parece importante estudar a influência de quem pesquisa naquilo que se pesquisa. Uma possibilidade de observar tais influências daquele que pesquisa naquilo que é pesquisado é estudar as comunidades científicas que a constroem (ver Cruz, 2006). Esta perspectiva já vem sendo desenvolvida na História das Ciências sob diferentes perspectivas, há alguns anos (e.g., Fleck, 1935/2010; Knorr-Cetina, 1999; Kuhn, 1962/2007). Dentre tais perspectivas, recorre-se a Fleck (1935/2010): “A ciência consiste em algo organizado por pessoas de modo cooperativo; assim, deve ser considerada, em primeiro lugar, a estrutura sociológica e as convicções que unem os cientistas, para além das convicções empíricas e especulativas dos indivíduos” (p. 15).

Dessa forma, esse autor sinaliza que para compreender a ciência e seus produtos, faz-se mister compreender a estrutura social dos cientistas (coletivos de pensamento) para além das teorias (estilos de pensamento). Ele sugere que seria necessário escrutinar os mecanismos de institucionalização da ciência (i.e., a circulação de periódicos especializados, a realização de eventos, a criação de associações, etc). Essa leitura advinda de Fleck (1935/2010) coaduna com uma perspectiva da História das Ciências que sinaliza que a história de uma ciência pode ser entendida como a história do comportamento dos estudiosos dessa ciência no contexto social em que ela foi organizada (Cruz, 2006). Infere-se, assim, que é possível analisar o comportamento de determinada comunidade por meio dos produtos resultantes desses processos.

Uma das ciências cujas histórias têm se avolumado é a Psicologia e, dentro dela, tem sido crescente o interesse pela história da Análise do Comportamento (Cruz, 2006; Morris, Todd, Midgley, Schneider, & Johnson, 1990). Nesse sentido, há uma pluralidade de estudos provenientes de diferentes localidades. Nos Estados Unidos da América (EUA), por exemplo, encontram-se estudos sobre a indexação de fontes primárias (Morris, 2018; Morris & Smith, 2003), a criação de instrumentos específicos do campo (Lattal, 2004) e a imagem social da Análise do Comportamento na mídia (Rutherford, 2000). Outros exemplos vêm da América

¹⁷ Estima-se a submissão deste artigo, modificado após a avaliação da dissertação.

Latina, tais como aqueles que salientam aspectos sul-americanos da disciplina (Ardila, 2016) e perspectivas comparadas do desenvolvimento do campo (Polanco & Miranda, 2014). Assim, diversas têm sido as investigações historiográficas sobre a Análise do Comportamento ao redor do mundo.

Diante desse quadro, esta pesquisa objetivou compreender mecanismos de institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil, na década de 1980. Especificamente, ela foca na descrição e análise das publicações veiculadas no periódico *Cadernos de Análise do Comportamento*, criado pela extinta Associação de Modificação do Comportamento (AMC) e mantido pela Associação Brasileira de Análise do Comportamento (ABAC). Metodologicamente, esta investigação utilizou fontes primárias sob responsabilidade das referidas associações (e.g., estatutos, boletins informativos, etc.). Para atingir tal objetivo, este texto inicialmente tipifica a AMC e a ABAC e, em seguida, descreve os *Cadernos de Análise do Comportamento*, periódico vinculado às duas associações. Feito isso, o texto discute características do coletivo de pensamento que circulava no periódico, procurando fazer ver aspectos de quem eles eram, sobre o falavam e quais suas influências intelectuais. Espera-se, assim, mostrar alguns aspectos de como a comunidade de analistas do comportamento se organizava e como davam suas relações em nível nacional e internacional, em especial com os EUA, berço da Análise do Comportamento Brasileira.

A Associação de Modificação do Comportamento e a Associação Brasileira de Análise do Comportamento

Em 1974 foi criada a AMC, uma entidade sem fins lucrativos, com sede e foro no município de São Paulo, Estado de São Paulo (SP), que tinha por objetivo: “a) o desenvolvimento da modificação do comportamento como ciência”; “b) o desenvolvimento da modificação do comportamento como profissão”; “c) o desenvolvimento da modificação do comportamento como um meio de promover o bem estar humano” (Associação de Modificação do Comportamento, 1975, p. 1). Para atingir tais objetivos, entre outros, o estatuto previa, em seu artigo 3º (alínea a, item ii), a “distribuição de publicações sobre tópicos de modificação do comportamento teóricos e aplicados”. Essa revista viria a ser a *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, lançada em 1976 e extinta em 1977, tendo publicado dois números. É possível encontrar a descrição minuciosa e análise desse periódico, sob o mesmo enfoque desta pesquisa, em Torres (no prelo).

A associação previa em seu estatuto uma composição feita por sócios fundadores e contribuintes (Associação de Modificação do Comportamento, 1975). Sua organização se dava por meio de Conselho de Coordenadores, Comitês (de Congresso; de Publicações; de Relações Públicas; de Secretaria, Tesouraria e Admissão; de Assuntos Legais e Éticos; de Eleições) e Assembleia Anual Ordinária. Ademais, não havia remuneração para coordenadores e representante oficial da associação. A AMC tinha atuação circunscrita ao estado de SP e, de forma geral, organizava aquelas pessoas que se ocupavam da “modificação do comportamento” alinhados a uma perspectiva analítico-comportamental (Botomé, 2006). Todavia, com o desenvolvimento dos seus trabalhos, por meio da organização de eventos, publicação de periódicos, estreitamento de comunicações, etc., criou demanda para a ampliação de seu escopo (Botomé, 2006). Esta ampliação configurou-se na criação da ABAC, cujos históricos encontrados na literatura e nos *Cadernos de Análise do Comportamento* sugerem uma vigência de 1985 a 1986. Pretendendo ser continuação da AMC, a ABAC tinha abrangência nacional e

Procurava ou devia atender e acolher a todos os tipos de contribuições relacionadas à análise do comportamento, tanto no âmbito da pesquisa, inclusive a básica, quanto no âmbito de suas aplicações tecnológicas e das decorrências sociais do conhecimento sobre o comportamento e sobre os processos de sua criação ou modificação. (Botomé, 2006, p. 219)

Embora não tenham sido encontradas fontes que auxiliem a observar mais claramente quem compunha o grupo de pessoas que dirigiam a ABAC, vê-se alguns nomes listados nos números 7 e 8 dos *Cadernos de Análise do Comportamento*. Tais pessoas, listadas como componentes do Conselho Editorial, estavam distribuídas em: (a) Diretoria Executiva da Associação Brasileira de Análise do Comportamento — Ana Lucia Cortegoso; Ana Lúcia Rossito; Cristiano R. F. Nabuco de Abreu; Darcy Corazza; Denize Rosana Rubano; Fátima Cristina de S. Conte; Hélia Hisako Utida; Maria Zilah da S. Brandão; Maura Alves Nunes Congora; Olga Mitsue Kubo; Rafael Cangelli Filho; Regina Christina Wielenska; Roberto Alves Banaco; Sílvio Paulo Botomé; Vera Lúcia Menezes da Silva —; e (b) Conselho Diretor da Associação Brasileira de Análise do Comportamento — Antonio Armindo Camilo; Carolina M. Bori; Deisy G. Souza; Liliana Seger; Maria Amélia Matos. Dessas, ao longo da vigência do periódico em questão, participaram da AMC e da ABAC: Maria Amélia Matos e Sílvio Paulo Botomé.

Depois de aproximadamente dois anos de existência (1985-1986), a ABAC deixou de existir por falta de quórum, conforme relato a seguir:

A Associação Brasileira de Análise do Comportamento teve uma história peculiar. E, talvez, triste. Vários dos que a dirigiram afastaram-se dela assim que concluíram seus mandatos. Nos últimos tempos de sua existência, quatro convocações para proceder à eleição de uma nova direção tiveram apenas sua diretoria atendendo à convocação, com exceção da sempre eterna e presente professora Carolina M. Bori que, mesmo em tempos difíceis da ABAC, compareceu a essas convocações para ajudar a encontrar alternativas para a existência da Associação Brasileira de Análise do Comportamento. Terminamos sem continuidade de direção na ABAC, sendo seu último presidente responsável por sua extinção ou “desaparecimento”. Um preço caro a pagar pela participação nessa “organização”. (Botomé, 2006, p. 219-220)

Os Cadernos de Análise do Comportamento

O periódico *Cadernos de Análise do Comportamento* começou a circular em 1981. Como estava sob controle da AMC e, portanto, aparecia como continuação do trabalho desenvolvido na primeira e extinta revista da associação, trazia em seu primeiro Editorial (Comitê de Publicações, 1981, p. 1):

Sabemos que hoje, no Brasil, os trabalhos na área de Análise do comportamento enfrentam dificuldades de divulgação escrita. Consequentemente, apenas pequena parte do trabalho produzido, tanto a nível de pesquisa como da aplicação, chega ao conhecimento de um número maior de pessoas que, de outra forma, poderiam dela aproveitar, dando-lhe continuidade, somando esforços.

Alguns grupos de pessoas, ligadas ou não a organizações científicas, tem procurado atacar esse problema criando revistas de publicação periódica. Entretanto, não raro, esses grupos ou organizações enfrentam dificuldades para a continuidade dessas publicações. Um exemplo que pode ser é o da revista MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO, da AMC: depois de dois números publicados, e com outros dois quase prontos na gráfica, ela foi temporariamente interrompida devido à falta de verbas para a sua impressão. (sic)

Não há outros indicativos, na fonte, que auxiliem na compreensão sobre a que o Comitê de Publicações se referia quando disse “os trabalhos na área de Análise do comportamento enfrentam dificuldades de divulgação escrita”. Chama atenção tal definição, quando se considera que entre as décadas de 1970 e 1980, o ensino de Psicologia Experimental ser tornava sinônimo de ensino de Análise do Comportamento (Matos, 1998).

Isso coincidia, também, com a difusão do campo pelo Brasil em diferentes universidades; algumas com programas de pós-graduação, inclusive (Williams, Williams, Goyos, Hubner, & Freitas, 1978). Isso implicou, por exemplo, em crescimento no número de trabalhos apresentados nos congressos anuais da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto, precursora da Sociedade Brasileira de Psicologia, de 12 trabalhos por ano entre 1971 e 1975 para 32 entre 1980 e 1985 (De Souza, Castells, Matos, & Kubo, 1986). A única informação encontrada que auxiliaria a compor tal quadro se refere ao fato de haver, à época, “basicamente três revistas no Brasil que publicam artigos em Análise Experimental do comportamento” (Williams et al., 1978, p.11), quais sejam: *Ciência e Cultura*, *Psicologia e Modificação de Comportamento*. Dessa forma, a institucionalização do ensino na área, com programas de pós-graduação e aumento no número de trabalhos em congresso não pareciam influenciar no aumento de textos publicados em periódicos brasileiros.

O Editorial continua com informações que auxiliam a supor que apesar de ser uma continuidade da *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação*, os *Cadernos de Análise do Comportamento* não tinham como objetivo substituí-la:

Entretanto, esse expediente [recorrer a órgãos públicos que destinam verbas para publicações científicas] cria uma dependência da revista com essas entidades que, por seu lado, sofrem frequentes alterações de ordem política e financeira que modificam suas prioridades de auxílio. Assim, apesar de no momento esse recurso ser indispensável (tanto que estamos recorrendo a ele para recolocarmos em circulação a revista MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO), sabemos que ele traz consigo uma constante instabilidade para as revistas, a longo prazo.

Por esses motivos, a AMC decidiu lançar os CADERNOS DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO. Esses cadernos surgem com uma proposta de se fazer um tipo de publicação em Psicologia que exija poucos recursos financeiros, o que possibilita a sua independência de verbas externas. Tal proposta implica em simplificar ao máximo a forma de impressão e apresentação do material, barateando seu custo, de modo que um conteúdo relevante para a comunidade científica possa ser colocado em circulação. Essa informalidade, que vai desde a maior flexibilidade da forma até a ausência de periodicidade estabelecida *a priori*, é que distinguiria os CADERNOS das revistas já existentes. A sua proposta não tem, portanto, a pretensão de supor que eles podem substituir as formas tradicionais de publicação. (sic)

Talvez nesse sentido de simplificação e baratear custos é que essa revista teve como característica marcante a veiculação de textos correspondentes a apresentações em eventos e publicações feitas originalmente em revistas internacionais. Na Tabela 1, estão listados os textos apresentados originalmente em eventos. Os textos de Jack Michael, que estão na Tabela

1, também foram expostos antes, respectivamente, em: (i) 4ª Conferência Anual sobre Análise do Comportamento em Educação, Lawrence, Kansas, EUA, sendo que é capítulo de um livro lançado em 1975; (ii) *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 1979; (iii) *The Behavior Analyst*, 1980; e (iv) *Journal of Applied Behavior Analysis*, 1974.

Tabela 1

Distribuição de textos dos Cadernos de Análise do Comportamento conforme publicação original em eventos e ano de publicação nesse periódico

Evento	Ano	n
Mesa Redonda: “Behaviorismo: algumas reflexões críticas” (1981)*	1981	4
Ciclo de Debates sobre o Behaviorismo (São Paulo, 1982) *	1982	4
IV Reunião Anual da Associação de Modificação do Comportamento (1983) *	1983 e 1984 **	4
Curso desenvolvido pelo Professor Jack Michael ***	1985 e 1986	4
Participação da Associação de Modificação do Comportamento na 35ª Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (Belém, 1983)	1983 e 1984 ****	3
Mesa Redonda: “Alternativas para a Pesquisa em Psicologia no Brasil” (33ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, Salvador, 1981)	1982	1
Conferência proferida no Simpósio sobre Terapia Comportamental Cognitiva (1981) *	1983	1
Jornada de Análise do Comportamento (São Paulo, 1983)	1983	1
Palestra apresentada no V Instituto Interamericano de Linguística (Colóquio “Discussão Piaget-Chomsky”, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 1980)	1983	1
Total		23

* Promovido pela Associação de Modificação do Comportamento, AMC; ** Três publicações são de 1984 e uma apenas é de 1983; *** Promovido pela Associação Brasileira de Análise do Comportamento, ABAC, e todas as publicações são do Professor Jack Michael; **** Duas publicações são de 1983 e uma apenas é de 1984.

Ainda nessa direção, lê-se no “Editorial” do número 6: “Embora não seja uma política de publicação propriamente dita, esta gestão entende que deve-se dar prioridade para a divulgação do material gerado pela atividade da AMC, muito embora, as colaborações solicitadas e/ou enviadas sejam de interesse” (Comitê de Publicações da Associação de Modificação de Comportamento, 1984). Além disso, já que parecia haver aumento no número de trabalhos analítico-comportamentais apresentados em congressos nacionais, publicá-los nos *Cadernos de Análise do Comportamento* poderia (a) responder à falta de periódicos que

publicassem trabalhos daquela natureza e (b) dar visibilidade às investigações apresentadas em eventos.

Conforme exposto na Tabela 2 e na Tabela 3, que foram separadas com a finalidade de melhor apresentação dos dados (no sentido da forma de apresentação), os *Cadernos de Análise do Comportamento* veicularam 29 obras¹⁸.

Tabela 2

Trabalhos publicados nos Cadernos de Análise do Comportamento, sob a gestão da Associação de Modificação do Comportamento

Data	n	Título	Autores
1981	1	Algumas considerações acerca da distinção operante-respondente	Maria Lúcia Dantas Ferrara
1981	1	Compromisso social: "opção" do analista experimental do comportamento ou elemento constituinte da contingência	Sérgio Vasconcelos de Luna
1981	1	O behaviorismo diante da explicação cética da ciência natural	Arno Engelmann
1981	1	Algumas considerações sobre o behaviorismo	Bento Prado Júnior
1981	1	O interbehaviorismo	Maria Amélia Matos
1982	2	O projeto de alfabetização de Mogi das Cruzes (Proleste)	Sérgio Antônio da Silva Leite
1982	2	Conceptos mentalistas y practicas ideologicas	Emílio Ribes Iñesta
1982	2	Pesquisa de laboratório: uma alternativa?	Maria Lúcia Ferrara
1982	3	Breve nota sobre o operante: circularidade e temporalidade	Bento Prado Júnior
1982	3	Behaviorismo e análise experimental do comportamento	João Cláudio Todorov
1982	3	Behaviorismo e as ciências sociais	Salvador Sandoval
1982	3	Determinação do comportamento e intervenção social: a contribuição da análise experimental do comportamento	Sílvio Paulo Botomé
1983	4	Notas impopulares sobre a formação do psicólogo	Luís Claudio Mendonça Figueiredo
1983	4	Inativismo e construtivismo: alguns aspectos biológicos da controvérsia Chomsky-Piaget	Maria Teresa Araujo Silva
1983	4	Terapia Comportamental Cognitiva: mudanças em algumas técnicas	Rachel R. Kerbaux
1983	5	Motivational relations in behavior theory: a suggested terminology	Jack Michael
1983	5	Escola e trabalho: trabalho como categoria psicológica	Sílvia T. Maurer Lane
1983	5	Análise do comportamento e consultoria em organizações para o excepcional no Brasil: Para quem? Por quê? Como?	Larry Williams
1983	5	Psicologia social: entre a microscopia e a macroscopia do social	Alvaro Pacheco Duran
1984	6	Modalidades alternativas de trabalho para psicólogos recém-formados	Ana Maria Almeida Carvalho
1984	6	Análise de componentes da interação professor-aluno	Edna Maria Marturano
1984	6	Análise de operantes verbais de Skinner: Implicações para uma Nova Terminologia e Linha de Pesquisa	Maria Martha Hubner D'Oliveira
1984	6	Intervenção precoce na excepcionalidade	Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams

¹⁸ Não estão contabilizados nesse montante uma entrevista feita por Luiz Carlos de Freitas com Emílio Ribes Iñesta (número 2) e os textos do tipo "Apresentação" (números 1; 7; 8), "Editorial" (números 1; 3; 5; 6), "Avaliação" (número 1), ficha para solicitação de números atrasados (números 5 e 6). Assinaram os textos de "Apresentação": Maria Amélia Matos (1981a); Sílvio Paulo Botomé (1985 e 1986). Só há um "Editorial" assinado: Comitê de Publicações da AMC (1981).

Tabela 3

Trabalhos publicados nos Cadernos de Análise do Comportamento, sob a gestão da Associação Brasileira de Análise do Comportamento

Data	n	Título	Autores
1985	7	Cultura comportamental sob o enfoque de práticas verbais: contribuições de Jack L. Michael (I)	A. Celso Goyos
1985	7	Reforçamento positivo e negativo, uma distinção que já não é mais necessária; ou uma melhor maneira de se falar sobre coisas más	Jack Michael
1985	7	Magnitude e efeito inibidor do reforçamento	Jack Michael
1986	8	Cultura comportamental sob o enfoque de práticas verbais: contribuições de Jack L. Michael (II)	Tárcia R. S. Dias
1986	8	Fuga da análise do comportamento (discurso presidencial ABAI 1980)	Jack Michael
1986	8	A inferência estatística na pesquisa de sujeito único - uma benção ou uma maldição?	Jack L. Michael

Quanto ao idioma, 27 publicações estão na língua portuguesa do Brasil, uma está em espanhol do México, e uma está na língua inglesa estadunidense. O texto em castelhano está no número 2 e, como não houve textos institucionais, não foi possível saber a que se devia; em contrapartida, o texto em inglês, de autoria de Jack Michael, que está no número 5, permaneceu no idioma original por motivo de custos financeiros, conforme dito no “Editorial” (Comitê de Publicações da Associação de Modificação de Comportamento, 1983):

Neste número apresentamos o artigo do Prof. Jack Michael em inglês, fato que poderá ser estranho para alguns. A razão é simples: traduzí-lo implicaria em gastar o equivalente a 30% de custo de uma edição regular. Ao mesmo tempo, mantê-lo na gaveta privaria aqueles que dominam o idioma inglês de ter acesso ao material.

No que tange à participação em autoria de alguma publicação e, concomitantemente, na edição do periódico e/ou no quadro representativo da AMC ou ABAC, houve duas ocorrências de cada uma destas pessoas: (a) Maria Lúcia Dantas Ferrara (números 1 e 2; no primeiro, estava envolvida na edição do periódico e no quadro representativo da AMC; no segundo, apenas no quadro representativo); (b) Antônio Celso Goyos e Tárcia R. S. Dias (números 7 e 8; em ambos estavam envolvidos apenas no desenvolvimento do periódico) e (c) Sílvio Paulo Botomé (números 7 e 8; em ambos estava envolvido no desenvolvimento do periódico e no quadro representativo da ABAC — presidia a instituição). Conforme relato de Botomé (2006), exposto de forma literal na seção anterior, esse seu envolvimento, assim

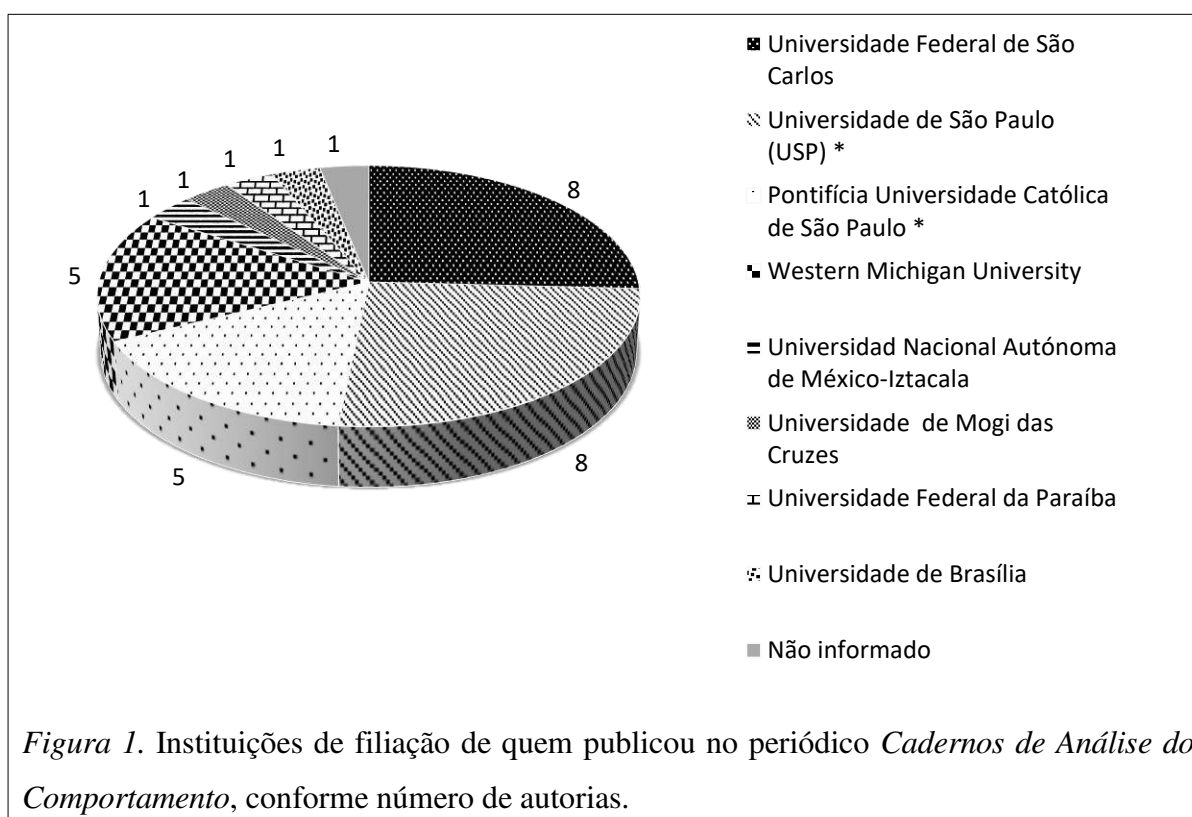
como de Goyos e Dias, provavelmente foi devido à ausência de participação de outros profissionais. Questiona-se, aqui, os motivos da não participação, que poderiam ser, inclusive, por alguma postura aversiva de quem estava à frente tanto da instituição quanto do corpo editorial da revista (e.g., centralização, inflexibilidade na linguagem, conservadorismo conceitual, etc), mas sabe-se não ser possível, com os dados disponíveis, inferir qualquer conclusão.

Quanto aos serviços gráficos, não houve informações a respeito nos números 1; 5 e 6. Os demais ficaram a cargo da UNICOPI (números 2 a 4), fundada em agosto de 1982, e da Editora Legis Summa Ltda. (números 7 e 8), aberta oficialmente em agosto de 1986 (dados do Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica do Brasil). Nesse sentido, nota-se que ambas as empresas tinham sido fundadas recentemente à época das publicações dos respectivos números; suas escolhas podem ter sido motivadas por facilidades financeiras, já que estavam iniciando no mercado (ao menos oficialmente). Houve menção de apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) nos números 5 e 6.

Quem eram?

Ao se considerar os oito números dos *Cadernos de Análise do Comportamento*, houve a veiculação de 29 publicações, assinadas por 31 pessoas. Dessas pessoas, 19 correspondiam a nomes tradicionalmente masculinos, contra 12 femininos. Diferentemente do encontrado na análise do primeiro periódico da AMC, no qual predominavam as autorias de mulheres (ver Torres, no prelo), prevaleceram os homens como primeiros autores das publicações (n=20) nos *Cadernos de Análise do Comportamento*. O número 3 (1982) teve apenas textos assinados por homens, enquanto o número 6 teve apenas por mulheres (1984). Por não haver informações a respeito de hierarquias acadêmicas (i.e., relações de orientação), não há como inferir sobre essa natureza nas relações entre autores e autoras. Em todo caso, esse dado de diferença de gêneros é curioso dado o contexto de predominância feminina na Psicologia brasileira à época (Conselho Federal de Psicologia, 2013; Mota, Castro, & Miranda, 2016; Mota & Miranda, 2017) — e ainda hoje, correspondendo a 85% (Conselho Federal de Psicologia, 2018) —, assim como a forte presença de mulheres na Análise do Comportamento (Keller, 1988). A explicação pode estar situada no contexto da sociedade brasileira que, à época, enfrentava o regime militar, sendo característica desse regime o conservadorismo, que traz em seu bojo, entre outras problemáticas estruturais, a desigualdade de gênero pautada em misoginia e sexismo.

Quanto ao tipo de escrita, predominou a do tipo singular ($n=27$). As duas escritas coletivas corresponderam a autorias em dupla entre as mesmas pessoas, Antônio Celso Goyos e Tércia R. S. Dias, e seus textos dissertaram sobre contribuições do Prof. Jack Michael ao que chamaram de cultura comportamental¹⁹. Cada um dos textos funcionou como uma apresentação sucedida por dois textos de Michael, nos números 7 e 8. A escrita solitária pode ser resquício da “diáspora” da Análise do Comportamento (Guedes et al., 2006, 2008) em um contexto de regime militar; em contrapartida, a literatura mostra que esse padrão de escrita tem sido historicamente majoritário na publicações na área de Psicologia no Brasil (Mota & Miranda, 2017; Mota, Castro, & Miranda, 2016). Em todo caso, a referida dispersão pode ser visualizada na Figura 1, que corresponde às instituições de filiação dos autores e das autoras. Há duas duplicidades que afetam os valores da Universidade de São Paulo (USP) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), correspondentes aos dois textos assinados por Maria Lúcia Dantas Ferrara, ligada a essas duas instituições.



¹⁹ “Embora os temas tratados nos dois estudos sejam diferentes, é possível observar uma preocupação constante do autor. Essa preocupação, ao nosso ver, consiste no esforço de preservar aquilo que a Análise Comportamental produziu ao longo de sua história e que contribuiu para transformá-la em uma cultura específica dentro da Psicologia.” (Goyos & Dias, 1985).

A análise da Figura 1 levanta algumas questões. O Estado de São Paulo é responsável pela maioria dos textos (n=20), o que pode dever-se aos seguintes fatos: onde foi iniciado o processo de institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil; era sede e foro de atuação da AMC; era onde estavam boa parte dos membros de ambas as associações; e onde estavam localizadas as editoras UNICOPI e Legis Summa Ltda. As demais unidades federativas brasileiras parecer ser um reflexo da já mencionada “diáspora”. *Western Michigan University* corresponde ao Prof. Jack Michael, responsável por todas as publicações estadunidenses, sendo que uma está no número 5, na linguagem original (i.e., inglês) e as outras quatro, derivadas de um curso desenvolvido por ele no Brasil, com apoio da ABAC, estão concentradas nos números 7 e 8. A *Universidad Nacional Autónoma de México-Iztacala* aparece por conta de uma publicação de Emílio Ribes Iñesta (número 2), cuja entrevista, já mencionada, consta logo após seu texto. O trabalho oriundo da Paraíba é assinado por Luís Claudio Mendonça Figueiredo e o de Brasília teve João Cláudio Todorov como autor.

O que e quem liam?

As 29 publicações dos *Cadernos de Análise do Comportamento* mencionaram um total de 381 referências, incluindo as repetições de material. Foram 210 consultas a livros, 146 a periódicos e 25 a outros tipos de materiais. Quanto aos periódicos, destacou-se o *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* (n=23), seguido pelo *Journal of Applied Behavior Analysis* [JABA] (n=15), pela *Psychological Review* (n=10) e pelo *Behaviorism* (n=9). Esses quatro mais consultados refletem o cenário a ser melhor descrito na próxima seção, que, em resumo, dividiu-se entre preocupações sobre a atuação do psicólogo (de maneira geral e não apenas do psicólogo analista do comportamento), análise experimental do comportamento *versus* aplicação da análise do comportamento²⁰, crítica e debates sobre conceitos, entre outras.

Na Tabela 4 estão apresentados os países das editoras mais recorrentes. Nota-se uma prevalência dos Estados Unidos da América (EUA). As editoras mais recorrentes foram Appleton-Century-Crofts (n=26) e Prentice-Hall (n=26). Historicamente, as duas editoras estiveram vinculadas à publicação de materiais analítico-comportamentais, como, por

²⁰ Optou-se por uma distinção entre a aplicação da Análise do Comportamento e a ABA. O primeiro caso se referiria à Análise do Comportamento em contexto aplicado; o segundo, à utilização de aplicações que respeitem as oito características definidas por Baer, Wolf e Risley (1968).

exemplo, diversas obras do próprio Skinner (e.g., *Verbal Behavior* [1953] e *The Technology of Teaching* [1968]).

Tabela 4

Países das editoras que veicularam os livros citados nas referências dos Cadernos de Análise do Comportamento

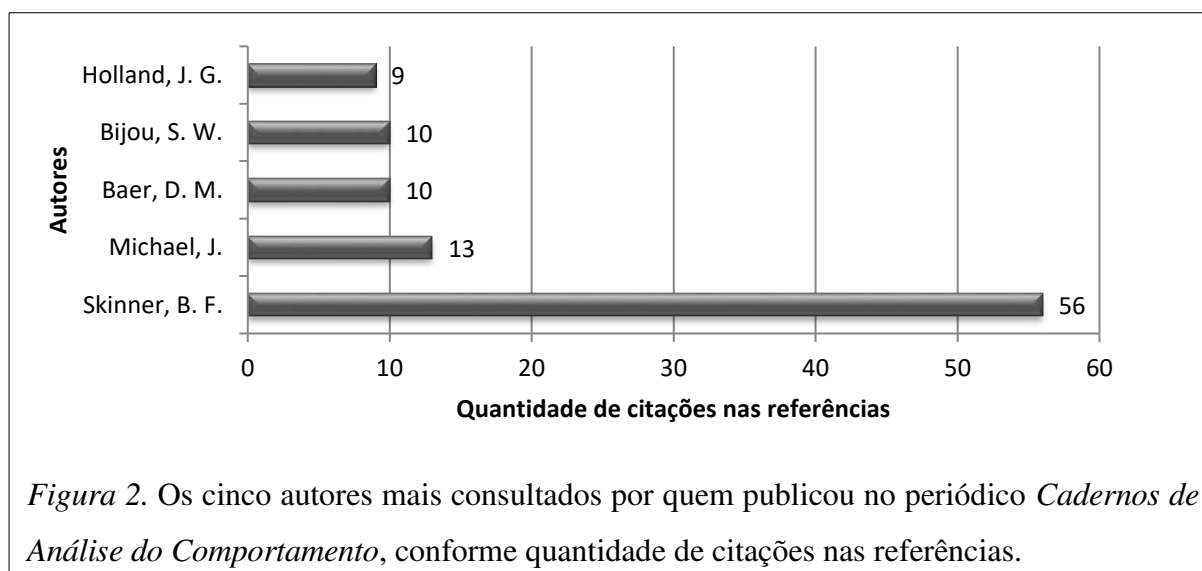
País	n
Estados Unidos da América	152
Brasil	35
México	9
Reino Unido	6
Argentina	3
França	3
Espanha	1
Portugal	1
TOTAL	210

A liderança dos EUA parece refletir o fato de que a Análise do Comportamento foi criada nesse país e, portanto, figuraria em processos de circulação para outros locais (Cruz, 2014; Rutherford, 2009); ou seja, era de se esperar que, no processo de institucionalização dessa ciência no Brasil, os EUA aparecessem em destaque, especialmente quando se considera que o responsável pela sistematização da área no Brasil, Fred Keller, era estadunidense e mantinha contato constante com o Brasil (Todorov, 2006), bem como o faziam outros estudiosos daquele país. Quanto ao México, foi um dos primeiros locais da América Latina a receber a Análise do Comportamento, com destaque à comunidade *Los Horcones*, fundada em 1973, baseada na obra de Skinner (1948/1972), *Walden II*.

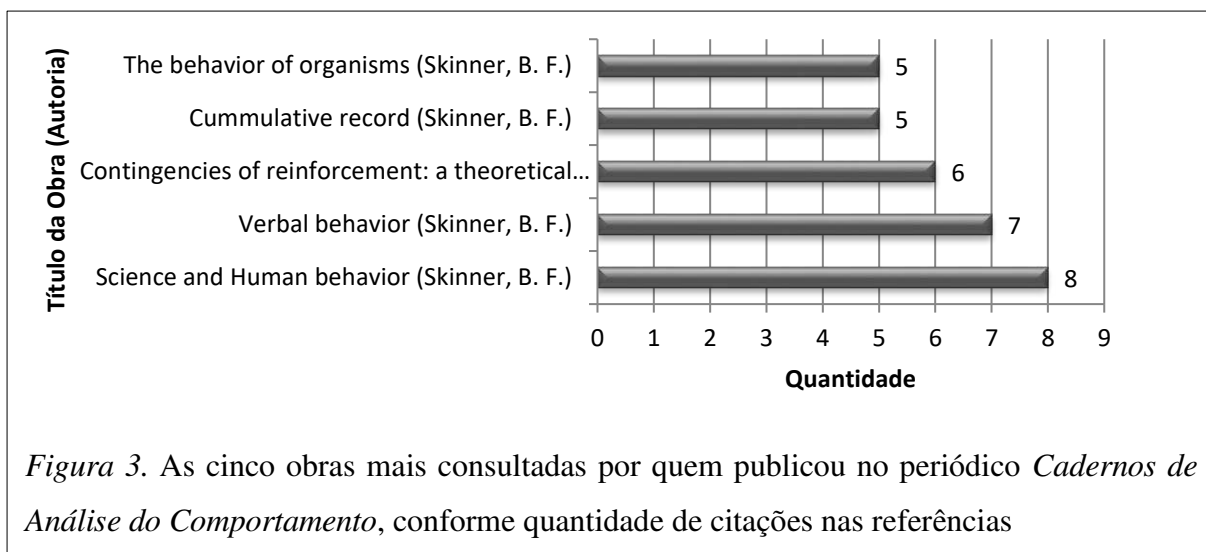
Nas referências de outros tipos (e.g., teses, dissertações, anais de eventos, trabalhos apresentados em eventos, etc.), estavam listadas, além de cidades de países que constam na Tabela 4, Manitoba (Canadá) e Jerusalém, que correspondem a uma dissertação e a uma apresentação em congresso mundial (*World Congress on Behavior Therapy*), respectivamente.

Quanto aos autores consultados, 56 menções a Skinner e oito a Keller parecem correspondem à expectativa por terem sido responsáveis por, respectivamente, desenvolver o Behaviorismo Radical e iniciar a sistematização da Análise do Comportamento no Brasil. Em complemento a isso, Skinner liderou o *ranking* de autores mais consultados (Figura 2). A alta

incidência de textos de Jack Michael (n=13) parece indicar, inclusive, aspectos de sua atuação como promulgador da Análise do Comportamento (ver Rutherford, 2009). Assim, esse autor, na linha de frente da área nos EUA, deveria ser lido pelos brasileiros vinculados à Análise do Comportamento. Chama atenção, ainda, os demais nomes presentes em tal *ranking*. Todos eles, Baer, Bijou e Holland, estiveram vinculados à *Applied Behavior Analysis* (ABA) ou às aplicações da Análise do Comportamento. Baer foi responsável por um dos textos seminais da ABA, publicado em 1968 no JABA em coautoria com Wolf e Risley. Além disso, ele havia estado no Brasil em julho de 1975, com Charles Ferster (Modificação de Comportamento, 1975). Bijou desenvolveu aplicações da Análise do Comportamento com crianças e formulações relacionadas à Psicologia do Desenvolvimento (Ghezzi, 2010; Mendres & Frank-Crawford, 2009). Holland, por sua vez, esteve vinculado tanto a aplicações de instrução programada com Skinner (ver Holland & Skinner, 1961) quanto a discussões relacionadas a contingências sociais (Holland, 1973/2016). Seu livro de instrução programada teve importantes impactos no Brasil, inclusive (Akerá, 2017; Souza Júnior, Miranda, & Cirino, no prelo). Nota-se, assim, uma mudança dos autores mais centrais para a comunidade vinculada à AMC e à ABAC, visto que, no *Modificação de Comportamento* houve prevalência de autores vinculados às aplicações da Análise do Comportamento (e.g., Ferster, Wolf) e não de Skinner e Keller (Torres, no prelo).



Ainda, a análise das referências mais citadas (Figura 3) corrobora a hipótese de Skinner ser o autor de referência, visto que as cinco obras mais mencionadas são dele.



Sobre o que falavam?

Não havia, na maior parte dos artigos veiculados nos *Cadernos de Análise do Comportamento*, uma conceituação clara onde eles se inseriam; ou seja, não ficava claro se o trabalho estava no campo da intervenção, do empiricismo (experimental) ou do filosófico-conceitual da Análise do Comportamento (Tourinho, 1999). A categorização dos 29 artigos ocorreu, portanto, da seguinte forma: (1) Grande área, como, por exemplo, Desenvolvimento Humano ou Educação; (2) Tipo de pesquisa quanto aos procedimentos (e.g., experimental, estudo de caso); e (3) Tipo de pesquisa quanto à natureza (i.e., se ela era aplicada, teórico-conceitual, etc). Nesse sentido, a respeito da grande área de estudo, 21 das publicações apresentaram preocupações com questões filosóficas e epistemológicas. As demais distribuíram-se entre os temas: educação (n=4, sendo uma especificamente sobre a educação em Psicologia); organizacional e do trabalho (n=2, sendo que uma se confunde com educação e outra com Psicologia Social); atuação profissional em Psicologia (n=1); Psicologia Social (n=1); e dicotomia *nature/nurture* (n=1). No panorama geral dos *Cadernos de Análise do Comportamento* predominaram, então, preocupações referentes a dicotomias, como: respondente *versus* operante; *nature versus nurture*; pesquisa básica *versus* análise aplicada; laboratório *versus* aplicação; análise experimental do comportamento *versus* análise do comportamento aplicada; pesquisador de laboratório *versus* pesquisador de aplicação; e similares.

No que tange ao tema majoritário, as publicações giraram em torno de tentativas de descrever minuciosamente os significados de respondente e operante, bem como os conceitos derivados. Houve sugestões no sentido de excluir termos (e.g., “estímulo aversivo”, “reforço

negativo”), bem como chamada de atenção quanto ao declínio do uso de conceitos comportamentais (muitas vezes como uma esquivia de situações sociais aversivas), que implica em aproximação de conceitos de senso comum (e.g., “recompensa”). Além disso, o segundo ponto que se destacou girou em torno dos conflitos entre experimental e aplicada, e pode ser bem ilustrado com uma exposição de Jack Michael (1986):

Na Reunião de 1977 da Midwest Association for Behavior Analysis (MABA agora ABA) havia um simpósio denominado “Análise experimental e análise aplicada do comportamento: reconciliação ou divórcio?” []. Muitos argumentaram pelo divórcio. Antes de discutir esses argumentos parece apropriado sugerir que por analogia com outras ciências e tecnologias, a própria ocorrência de tal simpósio sugere que estamos em apuros. Imagine um simpósio similar onde a relação entre medicina e biologia estivesse sendo considerada, ou entre engenharia de um lado e física e matemática do outro. Essa noção é absurda. É possível que a analogia não se aplique, mas dificilmente penso que somos tão únicos. (p. 36)

Talvez como uma reação a esse cenário, foi trazido à pauta o interbehaviorismo do estadunidense Jacob Kantor (1888–1984). Nesse sentido, resgataram esse tema: Maria Amélia Matos, em “Avaliação”, já no primeiro número da revista; e Emílio Ribes Iñesta, em entrevista concedida a Luiz Carlos de Freitas (número 2).

. . . sinto que está uma mesma preocupação com o fragmentário em Psicologia com o parcial, com o incompleto, com o absoluto. Nesse sentido, gostaria de resumir aqui algumas das idéias de um psicólogo e filósofo da ciência relativamente pouco conhecido no Brasil, J. R. Kantor, e tentar recuperar para o Behaviorismo ou pelo menos para o seu discurso, pois continuo acreditando no poder da palavra, a noção de campo. (Matos, 1981b, p. 36).

Jacob Kantor aponta como problemas que constroem o Behaviorismo e que poderiam ser evitados com o interbehaviorismo: o especialismo, o dualismo mente-corpo; as analogias com modelos eletrônicos, mecânicos e similares; e o reducionismo (Matos, 1981b). O interesse de Matos também se via presente em seu esforço de comunicação com o próprio Kantor, em que ela diz de seu interesse por causa: “... da crescente crise, teórica e metodológica, que a Análise Experimental do Comportamento vem passando” (Dear Dr. Kantor, 1982, trad. nossa). Inclusive, nesta carta, Matos menciona o contato com Iñesta e como este utilizava proposições de Kantor em suas reflexões sobre o comportamento verbal.

A análise geral dos textos sob a grande área predominante encontra similaridade nesta fala de Bento Prado Júnior, cujo texto foi feito baseado na sua participação em uma Mesa

Redonda promovida pela AMC, que deu origem ao primeiro número dos *Cadernos de Análise do Comportamento*:

O “natural”, por assim dizer, é que dada a diferença de nossas formações, os papéis estivessem assim definidos: aos psicólogos caberia a defesa de Skinner e ao filósofo, a crítica. Ora, é exatamente o contrário o que ocorre aqui e agora. O que me surpreendeu é que, exceto o discurso do Arno, senti, na fala dos psicólogos, uma espécie de má consciência de sua própria prática científica, um sentimento de culpa ao mesmo tempo epistemológico e político. (Prado Júnior, 1981, p. 29)

Dentro do tema Educação, foram abordadas questões envolvendo intervenção precoce, ensino de Psicologia e influência de aspectos sociais no aprendizado. Este último envolveu a apresentação do Projeto de Alfabetização de Mogi das Cruzes, o Proleste. Sua aplicação parece ter sido bem sucedida por considerar o contexto social:

. . . não há um esforço de adaptação às condições dos alunos pobres, sendo os instrumentos estratégias de ensino mais adaptados às crianças de origem sócio-econômica mais elevada; com isso a escola promove os mais privilegiados e marginaliza os menos favorecidos, sendo as ‘deficiências e causas individuais’ utilizadas como ‘bodes expiatórios’ de um sistema escolar que ainda não se propôs a uma auto-avaliação. (Leite, 1982, p. 1).

Ainda sobre o social, chama atenção uma publicação de Silvia Lane (1933–2006), figura importante da Psicologia Social no Brasil. No periódico em questão, Lane foi responsável pela publicação em Psicologia Social que tangencia a grande área de Psicologia Organizacional e do Trabalho.

De início, é necessário explicitar nossa postura epistemológica em termos de uma psicologia social materialista histórica, que tem como consequência uma metodologia dialética. Deste modo, só podemos conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, inserido num sociedade que se processa historicamente, através das relações de produção de sua vida material. (Lane, 1983, p. 24)

O texto sobre a atuação do psicólogo indicou uma dificuldade desse profissional em desenvolver novos campos de atuação, mesmo quando se propões a fazê-lo: “Nossos psicólogos fazem mais do que confundir a área de aplicação com a agência em que exercem suas atividades: eles priorizam o critério ‘natureza da agência’ sobre o critério ‘natureza das atividades’ para definir sua atuação.” (Carvalho, 1984, p. 10).

Em outras palavras,

Os psicólogos, sugerimos, sabem identificar “um problema psicológico” (no sentido de distúrbio) e uma técnica psicológica, mas não identificam muito claramente o que é um “fenômeno psicológico”; por isso sua identidade profissional se dilui em situações diferentes das definidas pelo modelo de atuação clínica tradicional. (Carvalho, 1984, p. 11).

A dicotomia *nature versus nurture* está explícita em apenas um texto, bem desenvolvida por Maria Teresa Araujo Silva (número 4), no entanto aparece entrelinhas no texto (categorizado sob outra grande área, qual seja a de educação) de Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams:

. . . a controvérsia ambiente versus hereditariedade assume dimensões de caráter emocional nessa área, na medida em que: caso se consiga mostrar o processo de condicionamento em bebês, o argumento a favor do controle do ambiente é reforçado e, por sua vez, caso se mostre que o treino não teve efeitos significativos, os argumentos a favor do controle maturacional do desenvolvimento podem ser fortalecidos. (Williams, 1984, p. 39).

Por fim, no que diz respeito ao tipo de pesquisa quanto aos procedimentos técnicos, predominou a bibliográfica (n=26), sendo que as demais foram análise de entrevistas (n=2) e experimental (n=1). E quanto à natureza, destacaram-se as pesquisas da categoria “Teórico/Conceitual” (n=27); as duas restantes são aplicadas (uma delas é experimental e a outra é bibliográfica).

Considerações Finais

Os dados apresentados permitem inferir que a comunidade de analistas do comportamento enfrentava problemas de ordem financeira para dar continuidade à sistematização da área no Brasil. Ademais, após a “diáspora” ocasionada pelo golpe de Estado, as pessoas dessa comunidade estavam dispersas pelas unidades federativas do país. Em um contexto de regime militar, que tinha o *modus operandi* de rotular e perseguir quem manifestasse qualquer ação de contracontrole social, pode ter sido difícil conseguir reunir pessoas. No entanto, na ocasião da extinção da ABAC o Brasil já vivenciava o declínio desse regime. Essa questão suscita a possibilidade de conflitos interpessoais e dificuldades de articular diferenças teórico-conceituais. Tais diferenças aparecem ao longo dos oito números

dos *Cadernos de Análise do Comportamento*. A fundação da atual Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental (ABPMC), em 1991, centralizada no Rio de Janeiro, para além da abertura a profissionais não psicólogos, reforça esse questionamento. Além disso, tem peso notar que a composição da primeira diretoria e primeiro conselho consultivo da ABPMC (1991, p. 1) era feita por nomes diferentes daqueles encontrados nos quadros da AMC e da ABAC. No entanto, mais investigações precisam ser feitas antes de considerar essa hipótese. Finalmente, pelo exposto, acredita-se que, dentro das suas limitações (e.g., financeiras), os trabalhos desenvolvidos pela AMC e pela ABAC cumpriram o papel que se propuseram a fazer, marcando o processo de institucionalização da Análise do Comportamento no país e, simultaneamente, tendo servido de base para o que está vigente nessa área no país.

Referências

- Akera, A. (2017). Bringing radical behaviorism to revolutionary Brazil and back: Fred Keller's Personalized System of Instruction and ColdWar engineering education. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 00, 1–19. doi: 10.1002/jhbs.21871
- Ardila, R. (2016). El estudio del comportamiento y sus vicisitudes en la América situada al sur del Río Grande. In R. E. Mardones (Ed.), *Historia local de la Psicología* (pp. 145–158). Santiago de Chile: RIL Editores. ISBN: 978-956-01-0272-0.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975). *Estatutos da Associação de Modificação do Comportamento*. Cópia em posse da autora.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975b). *Relação de Sócios (até setembro de 75) da Associação de Modificação de Comportamento – São Paulo*. Cópia em posse da autora.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975c). *AMC Boletim Informativo* (Vol. 1, No. 1, abril). Cópia em posse da autora.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975d). *AMC Boletim Informativo* (Vol. 1, No. 2, maio). Cópia em posse da autora.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975e). *AMC Boletim Informativo* (Vol. 1, No. 5). Cópia em posse da autora.
- Associação de Modificação do Comportamento. (1975f). *AMC Boletim Informativo* (Vol. 3, No 4). Cópia em posse da autora.
- Botomé, S. P. (1985). Apresentação. *Cadernos de Análise do Comportamento*, (7), 5.

- Botomé, S. P. (1986). Apresentação. *Cadernos de Análise do Comportamento*, (8), 5.
- Botomé, S. P. (2006). Contribuições, Participação, Organização e Representação da Análise Experimental do Comportamento nos Eventos e na Organização da Psicologia no Brasil: a ABPMC como condição e ponto de partida. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 217–231.
- Carvalho, A. M. A. (1984). Modalidades Alternativas de Trabalho para Psicólogos Recém-formados. *Cadernos de Análise do Comportamento*, (6), 1–14.
- Comitê de Publicações (1981). Editorial. *Cadernos de Análise do Comportamento*, (1), 1–2.
- Comitê de Publicações da Associação de Modificação de Comportamento (1983). Editorial. *Cadernos de Análise do Comportamento*, (5).
- Comitê de Publicações da Associação de Modificação de Comportamento (1984). Editorial. *Cadernos de Análise do Comportamento*, (6).
- Conselho Federal de Psicologia. (2013). *Uma profissão de muitas e diferentes mulheres: resultado preliminar da pesquisa 2012*. Brasília, DF: Autor.
- Conselho Federal de Psicologia (2018, abril). *A Psicologia brasileira apresentada em números*. Disponível em <http://www2.cfp.org.br/infografico/quantos-somos/>
- Cruz, R. N. (2006). História e Historiografia da Ciência: considerações para pesquisa histórica em análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 161–178.
- Cruz, R. N. (2014). Desconhecimento e liberdade no caminho de uma nova ciência do comportamento. *Scientiae & Studia*, 12, 465–490. doi: 10.1590/S1678-31662014000300004
- De Souza, D. G., Castells, C. M. M., Matos, M. A., & Kubo, O. M. (1986). Behavior Analysis in Brazil: laboratory research in the last fifteen years (12pp.). Arquivos de Keller em New Hampshire. Cópia em posse da autora.
- Dear Dr. Kantor. (1982, April 1st). [Carta de Dr. Maria Amelia Matos a Dr. J. R. Kantor]. Cópia em posse da autora.
- Fleck, L. (2010). *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Belo Horizonte, MG: Fabrefactum. (Obra original publicada em 1935).
- Goyos, A. C., & Dias, T. R. S. (1985). Cultura Comportamental sob o enfoque de práticas verbais: contribuições de Jack Michael (I). *Cadernos de Análise do Comportamento*, (7), 7–12.
- Ghezzi, P. M. (2010). In memoriam: Sidney W. Bijou. *Journal of Applied Behavior Analysis*, 43(1), 175–179. doi: 10.1901/jaba.2010.43-175
- Holland, J. G. (2016). Os princípios comportamentais servem para os revolucionários? [Número Especial]. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18, 104–117. (Obra original publicada em 1973).

- Holland, J. G., & Skinner, B. F. (1961). *The Analysis of Behavior: a program for self-instruction*. Nova Iorque, NY: McGraw-Hill.
- Keller, F. S. (1988). Mulheres analistas do comportamento no brasil (passado e presente). *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 4(1), 43–46.
- Knorr-Cetina, K. (1999). *Epistemic cultures: how the sciences make knowledge*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Kuhn, T. S. (2007). *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, SP: Perspectiva. (Obra original publicada em 1962).
- Lattal, K. A. (2004). Steps and pips in the history of the cumulative recorder. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 82(3), 329–355.
- Matos, M. A. (1981a). Apresentação. *Cadernos de Análise do Comportamento*, (1), 3–4.
- Matos, M. A. (1981b). Interbehaviorismo. *Cadernos de Análise do Comportamento*, (1), 37–39.
- Matos, M. A. (1998). Contingências para a Análise Comportamental no Brasil. *Psicologia USP*, 9(1), 1–6. doi: 10.1590/S010365641998000100014
- Mendres, A. E., & Frank-Crawford, M. A. (2009). A Tribute to Sidney W. Bijou, Pioneer in Behavior Analysis and Child Development: key works that have transformed Behavior Analysis in practice. *Behavior Analysis in Practice*, 2(2), 4–10.
- Modificação de Comportamento. (1975, novembro). *Carta Informativa* (No. 7). Cópia em posse da autora.
- Morris, E. K. (2018). A Course on the History of Behavior Analysis. Apresentação feita no *May, 2018 meeting of the Association for Behavior Analysis International*, San Diego, CA, EUA.
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L. M. (1990). The History of Behavior Analysis: some historiography and a bibliography. *The Behavior Analyst*, 13(2), 131–158.
- Mota, A. M. G. F., Castro, E. A., & Miranda, R. L. (2016). “Problemas de Ajustamento” e “Saúde Mental”: controvérsias em torno de um objeto psicológico. In L. P. Almeida (Org.), *Políticas Públicas, Cultura e Produções Sociais* (Vol. 1, pp. 51–69). Campo Grande, MS: Editora da Universidade Católica Dom Bosco.
- Mota, A. M. G. F., & Miranda, R. L. (2017). Desvelando estilos de pensamento: “Diagnósticos” nos Arquivos Brasileiros de Psicotécnica (1949–1968). In A. O. S. A. Duarte, M. F. P. Cassemiro, & R. H. F. Campos. (Orgs.). *Psicologia, educação e o debate ambiental: questões históricas e contemporâneas* (Vol. 1, pp. 277–288). Belo Horizonte, MG: FAE/UFMG; CDPHA.
- Polanco, F. A., & Miranda, R. L. (2014). Recepción del Conductismo en Argentina y Brasil: un estudio comparativo, 1960–1970. *Universitas Psychologica*, 13, 2035–2045.

- Rutherford, A. (2000). Radical Behaviorism and Psychology's Public: B. F. Skinner in the Popular Press, 1934–1990. *History of Psychology*, 3(4), 371–95.
- Rutherford, A. (2009). *Beyond the box: B. F. Skinner's technology of behavior from laboratory to life, 1950s–1970s*. Toronto, ON: University of Toronto Press.
- Souza Júnior, E. J., Miranda, R. L., & Cirino, S. D. (no prelo). A recepção da instrução programada como abordagem da análise do comportamento no Brasil nos anos 1960 e 1970. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*.
- Todorov, J. C. (2006). Behavior Analysis in Brazil. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 24, 29–36.
- Torres, J. A. (no prelo). *Por uma história institucional da Análise do Comportamento no Brasil: estudos sociobibliométricos (1976–1986)*. (Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, MS).
- Tourinho, E. Z. (1999). Estudos conceituais na análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 7(3), 213–222.
- Williams, W. L., Williams, L. C. A., Goyos, A. C., Hubner, M. M., & Freitas, L. C. (1978). Brasil: uma breve introdução. Arquivos Keller, New Hampshire University (Caixa 34, Pasta 8, 23pp.). Junho, 16-19, mimeografado. Cópia em posse da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi dividida em duas partes e estruturada como dois artigos (a serem submetidos), para fins de melhores descrição e análise de cada um dos periódicos. No entanto, é importante salientar que sua amostra compreende os dois periódicos na totalidade; isto é, 40 publicações. Nesse sentido, nota-se que as instituições do Estado de São Paulo prevaleceram (n=30), provavelmente como um resquício da sistematização da área com a chegada de Keller, assim como resultado do trabalho de profissionais residentes nessa unidade federativa e a própria área de abrangência dos periódicos (i.e., dos dez números da amostra, oito estavam sob gestão da AMC, que tinha sede e foro em São Paulo). Ademais, as publicações dos EUA, Canadá e México denunciam as rotas de circulação da Análise do Comportamento na América Latina.

Quanto ao gênero das autorias, no balanço geral, os homens dominaram (n=23). Tal resultado não surpreende, visto que apesar de a Psicologia ser conhecida pelo perfil predominantemente feminino (Conselho Federal de Psicologia, 2013, 2018), os homens têm maior empregabilidade e, segundo Bastos (1990), recebiam maiores salários à época (médias de 13,7 salários mínimos, contra 9,62 salários mínimos para as mulheres).

Sobre as grandes áreas de estudo, destacam-se as de questões filosóficas e epistemológicas (n=21) e de educação (n=11). Esses resultados estão em consonância com os processos de organização e estabelecimento da Psicologia como profissão e de institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil; tais movimentos implicam em dedicar esforços nas definições e entendimentos dos conceitos e pressupostos básicos. Ademais, ao longo do período abrangido por esta pesquisa, o Brasil passava por transformações na área de educação, como a Reforma Universitária.

Por fim, houve destaque às pesquisas teórico-conceituais (n=29) e aplicadas (n=10) em detrimento das pesquisas básicas (n=1). Esse resultado corrobora as críticas apresentadas especialmente nos *Cadernos de Análise do Comportamento* a respeito do abandono desse tipo de pesquisa por parte da comunidade de Análise do Comportamento, que parecia passa a voltar-se para suprir as demandas do mercado de trabalho, utilizando, muitas vezes, técnicas descoladas da teoria.

Skinner foi o autor mais citados nas referências, seguido por Donald Baer, Jack Michael, Vance Hall, Montrose Wolf, Wesley Becker, Sidney Bijou, Fred Keller, Charles Ferster, James Holland e Sérgio Leite. Como mencionado, Leite teve variadas autocitações, por isso não é possível considerar que tenha sido um autor bastante consultado. Com Jack Michael aconteceu algo similar: como dois números foram dedicados a eles, os textos de apresentação corresponderam a mais da metade das citações; ademais, ele teve duas

autocitações. Baer, Hall, Wolf, Bijou, Ferster e Holland não tiveram uma obra mais citada, sendo, portanto, responsáveis por vários trabalhos referenciados. O mesmo não ocorreu com Becker e Keller, que tiveram, cada um, uma obra clássica citada de forma recorrente; ou seja, o interesse não era na bibliografia deles, mas em uma obra específica. Por fim e não menos importante, Skinner foi o autor de cinco das seis obras mais mencionadas; isso somado ao fato de ter sido o autor mais citado faz dele um estudioso importante da área, com várias obras consultadas. Não por menos, já que Skinner desenvolveu o Behaviorismo Radical, base filosófica da Análise do Comportamento.

Em resumo, os resultados corroboram algumas das hipóteses e dados da literatura; em contrapartida, suscitam questionamentos e levantam outras hipóteses, que demandam mais pesquisas, utilizando-se de outras fontes e/ou de outros olhares.

REFERÊNCIAS

- Akera, A. (2017). Bringing radical behaviorism to revolutionary Brazil and back: Fred Keller's Personalized System of Instruction and ColdWar engineering education. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, 00, 1–19. doi: 10.1002/jhbs.21871
- Áries, P. (1989). *O tempo da história*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- Azzi, R., Rocha e Silva, M. I., Bori, C. M., Fix, D. S. R., & Keller, F. S. (1963). Suggested Portuguese Translations of Expressions in Operant Conditioning. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, 6(1), 91–94.
- Baptista, M. T. D. S. (2009). Idéias divulgadas em São Paulo durante o processo histórico da regulamentação da profissão de psicólogo. *Temas em Psicologia*, 17(1), 119–134.
- Baptista, M. T. D. S. (2010). A Regulamentação da Profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico [Número especial]. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 30, 170–191.
- Bastos, A. V. P. (1990). Mercado de Trabalho: uma velha questão e novos dados. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 10(2-4), 28–39.
- Botomé, S. P. (2006). Contribuições, Participação, Organização e Representação da Análise Experimental do Comportamento nos Eventos e na Organização da Psicologia no Brasil: a ABPMC como condição e ponto de partida. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 217–231.
- Brasil. (1962). *Lei n.º 4.119, de 27 de agosto de 1962*: Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo. Brasília, DF.
- Brožek, J. (1969). History of Psychology: diversity of approaches and uses. *Transactions of the New York Academy of Sciences*, 31(2), 115–127.
- Cândido, G. V. (2014). *O desenvolvimento de uma cultura científica no Brasil: contribuições de Carolina Martuscelli Bori* (Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP). Disponível em http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-28102014-093710/publico/TESE_VERSAO_CORRIGIDA.pdf
- Cândido, G. V. (2017). Introdução da Análise do Comportamento no Brasil: a Cadeira de Psicologia de Rio Claro (1962–1963). *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 8(1), 135–143.
- Carvalho Neto, M. B. (2002). Análise do comportamento: behaviorismo radical, análise experimental do comportamento e análise aplicada do comportamento. *Interação em Psicologia*, 6(1), 13–18.
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., & Cruz, R. N. (2012). The Beginnings of Behavior Analysis Laboratories in Brazil: a pedagogical view. *History of Psychology*, 15(3), 263–272.
- Cirino, S. D., Miranda, R. L., Cruz, R. N., & Araujo, S. F. (2013). Disseminating Behaviorism: The Impact of J.B. Watson's Ideas on Brazilian Educators. *Revista Mexicana de Análisis de la Conducta*, 39, 119–134.

- Cruz, R. N. (2006). História e Historiografia da Ciência: considerações para pesquisa histórica em análise do comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8(2), 161–178.
- Cunha, W. H. A. C. (2007). *Minhas Lembranças da Psicologia no Tempo da Alameda Glette* (Arquivos Históricos em História da Ciência em Fevereiro 2007). Disponível na página do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo: http://www.ip.usp.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=4381%3A2013-06-25-18-29-10&catid=424%3Acolaboraram-conosco-docentes&Itemid=79&lang=pt
- De Certeau, M. (1982). *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária.
- Felipe, S. T. (2013). *Ética animalista*. Disponível em http://olharanimal.org/OA/wp-content/uploads/2013/09/images_pensadores_aa_curso_de_extensao_texto_1.pdf
- Felipe, S. T. (2014). *Acertos Abolicionistas: a vez dos animais*. São José, SC: Ecoânima.
- Ferreira, M. M. (2000). História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, 94(3), 111–124.
- Fleck, L. (2010). *Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico*. Belo Horizonte: Fabrefactum. (Obra original publicada em 1935).
- Godin, B. (2006). *On the Origins of Bibliometrics* (Working Paper No. 33). Montreal, QC: Canadian Science and Innovation Indicators Consortium.
- Guedes, M. C., Queiroz, A. B. M., Campos, A. C. H. F., Fonai, A. C. V., Silva, A. P. O., Sampaio, A. A. S. . . . Pinto, V. J. C. (2006). Institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil: uma perspectiva histórica. In M. A. Andery, N. Micheletto, & T. M. Sério (Eds.), *Behaviors: Ciência Básica, Ciência Aplicada* (Vol. 10, pp. 17–29). São Paulo, SP: Laboratório de Psicologia Experimental PUCSP.
- Guedes, M. C., Cândido, G. V., Belloti, A. C., Giolo, J. C. C., Vieira, M. C., Matheus, N. M. . . . Gurgel, T. G. (2008). A introdução da Análise do Comportamento no Brasil: vicissitudes. In M. A. Andery, N. Micheletto, & T. M. Sério (Eds.), *Behaviors: Ciência Básica, Ciência Aplicada* (Vol. 12, pp. 41–57). São Paulo, SP: Laboratório de Psicologia Experimental da PUCSP, 2008.
- Kerbaux, R. R. (1996). O cientista que ensinava. *Psicologia USP*, 7(1/2), 225–245.
- Klappenbach, H. (2017). Los apontes de la socio-bibliometría a la historia de las disciplinas científicas. *Revista Guillermo de Ockham*, 15(2). doi: 10.21500/22563202.3497
- Löwy, I. (1994). Ludwik Fleck e a Presente História das Ciências. *Manguinhos*, 1(1), 7–18.
- Martins, R. A. (2004). Ciência versus historiografia: os diferentes níveis discursivos nas obras sobre história da ciência. In A. M. Alfonso-Goldfarb, & M. H. R. Beltran (Eds.), *Escrevendo a História da Ciência: tendências, propostas e discussões historiográficas* (pp. 115–145). São Paulo, SP: EDUC/Livraria de Física/FAPESP. ISBN 85-283-0310-1.
- Massimi, M. (2010). Métodos de Investigação em História da Psicologia. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 100–108.

- Matos, M. A. (1998). Contingências para a Análise Comportamental no Brasil. *Psicologia USP*, 9(1), 1–6. doi: 10.1590/S010365641998000100014
- Mingers, J., & Leydesdorff, L. (2015). A Review of Theory and Practice in Scientometrics. *European Journal of Operational Research*, 1–47. Disponível em <https://arxiv.org/ftp/arxiv/papers/1501/1501.05462.pdf>
- Miranda, R. L. (2010). *Laboratório de Análise do Comportamento no Brasil: percursos na UFMG na década de 1970* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG). Disponível em http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8E3KBS/dissertacao_rodrigo_miranda.pdf
- Morris, E. K., Todd, J. T., Midgley, B. D., Schneider, S. M., & Johnson, L. M. (1990). The History of Behavior Analysis: some historiography and a bibliography. *The Behavior Analyst*, 13(2), 131–158.
- Pritchard, A. (1969) Statistical bibliography or bibliometrics? *Journal of Documentation*, 25(4), 348–349.
- Sabadini, A. A. Z. P. (2013). César Ades [Número Especial]. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33, 4–13. ISSN 1414-9893. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932013000500002&lng=en&nrm=iso
- Silva, C. H., & Torres, J. A. (2006a, maio). *Substituição do Rato Albino no Ensino da Disciplina Análise Experimental do Comportamento (AEC)*. Apresentação oral e em poster no I Congresso Brasileiro e Latino-americano de Educação Humanitária, São Paulo, SP.
- Silva, C. H., & Torres, J. A. (2006b, setembro). *Substituição do Rato Albino no Ensino da Disciplina Análise Experimental do Comportamento (AEC)*. Poster apresentado no II Congresso Brasileiro de Psicologia: Ciência & Profissão, São Paulo, SP.
- Skinner, B. F. (1974). *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Todorov, J. C. (2003). Science and Human Behavior translated into Portuguese. *Journal of The Experimental Analysis of Behavior*, 80, 341–343.
- Todorov, J. C. (2006). Behavior Analysis in Brazil. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 24, 29–36.
- Todorov, J. C., & Hanna, E. S. (2010). Análise do Comportamento no Brasil [Número Especial]. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26, 143–153.
- Tomanari, G. Y. (2005). Notícia: Maria Amelia Matos (1939–2005): generosidade, competência, liderança. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 255–256. doi: 10.1590/S0102-37722005000200016
- Weber, S. (2009). Marcas da Reforma Universitária de 1968 e Novos Desafios para a Universidade Brasileira. *Estudos de Sociologia*. 2(15), 121–136.

Apêndice 2

Modelo da tabela com as referências listadas ao final das publicações de todas as edições de *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* e *Cadernos de Análise do Comportamento*

#	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q	R	S
	#RT	#FA	#	Ano	Título	Referência	Idioma	Autores	Ano	Intervalo entre lançamento e citação (anos)	Veículo	Cidade do Veículo (Livros/Outras)	Tipo	Páginas	vol./nº	Fonte	nº fonte		
1																			
2	1	1	1	1976	Efeitos de um	Eliminating discipli	Inglês	Ayllon, T. e Roberts, M. D.	1974	2	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	71-76	7	Modificação do comportame	1		
3	2	2	1	1976	Efeitos de um	Effects of teacher et	Inglês	Broden, M.; Bruce, C.; Mitchel,	1970	6	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	205-211	3	Modificação do comportame	1		
4	3	3	1	1976	Efeitos de um	Teaching behavior n	Inglês	Gardner, J. M.	1972	4	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	517-521	5	Modificação do comportame	1		
5	4	4	1	1976	Efeitos de um	Effects of teacher att	Inglês	Hall, R. V.; Lund, D. e Jackson, t	1968	8	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	1 a 12	1	Modificação do comportame	1		
6	5	5	1	1976	Efeitos de um	The teacher as obser	Inglês	Hall, R. V.; Fox, R.; Willard, D.;	1971	5	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	141-149	4	Modificação do comportame	1		
7	6	6	1	1976	Efeitos de um	Reward versus toker	Inglês	Iwatta, B. A e Bailey, J. S.	1974	2	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	567-576	7	Modificação do comportame	1		
8	7	7	1	1976	Efeitos de um	Modification of ari	Inglês	Kirb, R. D. e Shields, F.	1972	4	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	79-84	5	Modificação do comportame	1		
9	8	8	1	1976	Efeitos de um	Efeitos de um progre	Português	Leite, S. A. S.; Mandeleou, S.; Al	1974	2	Trabalho não publicado; dptº d Mogi das Cruzes	-	Outras			Modificação do comportame	1		
10	9	9	1	1976	Efeitos de um	Efeitos de um progre	Português	Leite, S. A. S.; Guimarães, M. A.	1975	1	Trabalho não publicado; dptº d Mogi das Cruzes	-	Outras			Modificação do comportame	1		
11	10	10	1	1976	Efeitos de um	Programa de treinar	Português	Leite, S. A. S.	1976	0	Monografia de Mestrado apres São Paulo	-	Outras			Modificação do comportame	1		
12	11	11	1	1976	Efeitos de um	Roles, praise and la	Inglês	Madsen, C. R. Jr.; Becker, W. C.	1968	8	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	139-150	1	Modificação do comportame	1		
13	12	12	1	1976	Efeitos de um	The effects of teache	Inglês	Schutt, R. C. e Hopkins, B. L.	1970	6	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	117-122	3	Modificação do comportame	1		
14	13	13	1	1976	Efeitos de um	Production and elimin	Inglês	Thomas, D. R.; Becker, W. C. e A	1968	8	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	35-45	1	Modificação do comportame	1		
15	14	14	1	1976	Efeitos de um	Currents behavior n	Inglês	Winnett, R. A. e Winkler, R. C.	1972	4	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	499-504	5	Modificação do comportame	1		
16	15	1	2	1976	Efeitos do lo	The development of	Inglês	Baer, A.; Rowbury, T. e Baer, D.	1973	3	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	289-298	6	Modificação do comportame	1		
17	16	2	2	1976	Efeitos do lo	Análise de linha de l	Português	Cranston, S. S.	1973	3	Editora da USP	São Paulo	Livro			Modificação do comportame	1		
18	17	3	2	1976	Efeitos do lo	Precision technique	Inglês	Gaashoott, M.	1970	6	Exceptional children	-	Periódico	129-135	37	Modificação do comportame	1		
19	18	4	2	1976	Efeitos do lo	Manipulação do cor	Português	Hall, R. V.	1973	3	Editora da USP	São Paulo	Livro			Modificação do comportame	1		
20	19	5	2	1976	Efeitos do lo	Professores e pais c	Português	Hall, R. V.; Connie, C.; Cranstor	1970	6	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	247-255	3	Modificação do comportame	1		
21	20	6	2	1976	Efeitos do lo	Group contingencies	Inglês	Hamblin, R. L.; Hathaway, C. e V	1974	2	Scott, Foresman and Co.	Illinois	Livro			Modificação do comportame	1		
22	21	7	2	1976	Efeitos do lo	Extinção do compor	Português	Jones, S.	1973	3	Editora da USP	São Paulo	Livro			Modificação do comportame	1		
23	22	8	2	1976	Efeitos do lo	The functions of tim	Inglês	Leblanc, J. M.; Basby, K. H. e Th	1974	2	Scott, Foresman and Co.	Illinois	Livro			Modificação do comportame	1		
24	23	9	2	1976	Efeitos do lo	Effective study	Inglês	Robinson, F. P.	1946	30	Harper and Row	New York	Livro			Modificação do comportame	1		
25	24	10	2	1976	Efeitos do lo	The effects of teache	Inglês	Schutt, R. C. e Hopkins, B. L.	1970	6	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	117-122	3	Modificação do comportame	1		
26	25	11	2	1976	Efeitos do lo	Efeitos de procedim	Português	Vollrath, F. e Clark, M.	1973	3	Editora da USP	São Paulo	Livro			Modificação do comportame	1		
27	26	1	3	1976	A Pseudo-art	Achievement place: i	Inglês	Fixsen, D. L.; Phillips, E. L. e Wc	1973	3	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	31-47	6	Modificação do comportame	1		
28	27	2	3	1976	A Pseudo-art	Achievement place: i	Inglês	Phillips, E. L.	1968	8	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	213-223	1	Modificação do comportame	1		
29	28	3	3	1976	A Pseudo-art	Achievement place: i	Inglês	Phillips, E. L.; Phillips, E. A.; Fix	1971	5	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	45-49	4	Modificação do comportame	1		
30	29	4	3	1976	A Pseudo-art	Achievement place: i	Inglês	Phillips, E. L.; Phillips, E. A.; Wc	1973	3	Journal of Applied Behavior Ani	-	Periódico	541-561	6	Modificação do comportame	1		
31	30	1	4	1976	A análise do	Behavior modificati	Inglês	Brown, D. G.	1972	4	Research Press	Não informado	Livro			Modificação do comportame	1		
32	31	2	4	1976	A análise do	Managing behavior,	Inglês	Bryer, N. L. e Axelrod, S.	1973	3	H & H Enterprises, Inc.	Não informado	Livro			Modificação do comportame	1		
33	32	3	4	1976	A análise do	The behavior analys	Inglês	Bushell, D. e Ramp, E. A.	1974	2	Department of Human Develop	Não informado	Livro			Modificação do comportame	1		
34	33	4	4	1976	A análise do	Behavior therap wi	Inglês	Ferster, C. B. e Simmons, J.	1966	10	The Psychological Record	-	Periódico	65-71	16	Modificação do comportame	1		
35	34	5	4	1976	A análise do	Behavior therap wi	Inglês	Ferster, C. B. e Simmons, J.	1966	10	The Psychological Record	-	Periódico	65-71	16	Modificação do comportame	1		

Apêndice 4

Modelo da tabela tipo *ranking* de autorias e suas respectivas quantidades de citações em *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* e/ou *Cadernos de Análise do Comportamento*

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1	AUTORES CONSULTADOS (ORDEM ALFABÉTICA)			AUTORES CONSULTADOS CONFORME QUANTIDADE DE CITAÇÕES (TOTAL)						
2	AUTOR/A	QUANTIDADE TOTAL DE CITAÇÕES NAS REFERÊNCIAS		ORDEM NUMÉRICA	AUTOR/A	QUANTIDADE TOTAL DE CITAÇÕES NAS REFERÊNCIAS		LEGENDA		
3	Alden, K.	1		1º	Skinner, B. F.	57				
4	Allen, K. E.	1		2º	Baer, D. M.	13				
5	Almeida, G. L. T.	1		3º	Michael, J.	13				
6	Almeida, R. M.	1		4º	Hall, R. V.	11				
7	Althusser, L.	1		5º	Wolf, M.	11				
8	Andersen, B. L.	1		6º	Becker, W.	10				
9	Anderson, L. M.	1		7º	Bijou, S. W.	10				
10	Armstrong, M.	3		8º	Keller, F. S.	10				
11	Arnston, P.	1		9º	Ferster, C. B.	9				
12	Artalheiro, N. S.	1		10º	Holland, J. G.	9				
13	Atthowe, J. M.	1		11º	Leite, S. A. S.	9				
14	Axelrod, S.	1		12º	Ayllon, T.	8				
15	Ayala, H.	1		13º	Thomas D. R.	7				
16	Ayllon, T.	8		14º	Azrin, N. H.	6				
17	Azevedo, G. V.	1		15º	Catania, A. C.	6				
18	Azrin, N. H.	6		16º	Premack, D.	6				
19	Azzi, R.	1		17º	Bandura, A.	5				
20	Back, E.	3		18º	Kantor, J. R.	5				
21	Baer, A.	1		19º	Lovitt, T.	5				
22	Baer, D. M.	13		20º	Phillips, E. L.	5				
23	Bailey, J. S.	2		21º	Winett, R. A.	5				
24	Baine, D.	1		22º	Baum, W. M.	4				
25	Bandura, A.	5		23º	Birnbrauer, J.	4				
26	Barnard, R. E.	1		24º	Fixen, D. L.	4				
27	Barrish, H. H.	1		25º	Gardner, J. M.	4				

São a mesma pessoa?

Obs.: Quando o nome for 'único' na lista, e porque já foi agrupado na tabela anterior, considerando que são a mesma pessoa.

TABELAS (TOTAL) Gráf (TOTAL) TABELAS (MODIFICAÇÃO) Gráf (MODIFICAÇÃO) TABELAS (CADERNOS) Gráf (CADERNOS) Dados2 Dados1

Apêndice 5

Modelo da tabela tipo *ranking* das referências e suas respectivas quantidades de citações em *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* e/ou *Cadernos de Análise do Comportamento*

	A	B	C	D	E	F	G	H
1	REFERÊNCIAS CONFORME QUANTIDADE DE CONSULTAS NAS EDIÇÕES DOS PERIÓDICOS "MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO" E "CADERNOS DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO" (ORDEM NUMÉRICA)						REFERÊNCIAS CONFORME QUANTIDADE DE CONSULTAS NAS EDIÇÕES DOS PERIÓDICOS "MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO" E "CADERNOS DE ANÁLISE DO COMPORTAMENTO" (ORDEM NUMÉRICA)	
2	ORDEM NUMÉRICA	REFERÊNCIA	AUTORIA	n	OBSERVAÇÕES		#P	REFERÊNCIA
3	1ª	Science and Human behavior (Skinner, B. F.)	Skinner, B. F.	8	* 4 traduções para o português		116	A "paper money" token system as a recording aid in institutionalized children Logan, D. L. A.
4	2ª	Contingencies of reinforcement: A theoretical analysis (Skinner, B. F.)	Skinner, B. F.	7	* 1 tradução para o português		39	A community mental health program for children Patterson, G. R.
5	3ª	Verbal behavior (Skinner, B. F.)	Skinner, B. F.	7	* 4 traduções para o português		368	A conceitualização de deficiente mental e suas implicações educacionais Windholz, M. H.
6	4ª	Current behavior modification in the classroom: be still, be quiet Win[n]ett, R. A. e Winkler[r], R. [C.]		5			57	A conditioning technique applicable to elementary school classrooms Coleman, R.
7	5ª	The behavior of organisms (Skinner, B. F.)	Skinner, B. F.	5			244	A definição da Psicologia Keller, F. S.
8	6ª	Cum[m]ulative record (Skinner, B. F.)	Skinner, B. F.	5	* 1 tradução para o português		388	A functional analysis of receptive language and productive speech Guess, D.
9	7ª	Principles of psychology (Keller, F. S. e Schoenfeld, W. N.)	Keller, F. S. e Schoenfeld, W. N.	4	* 2 traduções para o português		520	A further consideration in the application of an analysis of variables Kratochwill, T. J.
10	8ª	R[u]les, praise and ignoring: elements of elementary classroom management Madsen, C. R./H. [jr.]; Becker, W. [C.] e Thomas D.		4			236	A imagem da Natureza na Física Moderna Heisenberg, W.
11	9ª	About behaviorism	Skinner, B. F.	3			249	A maturidade mental Overstreet, H. A.
12	10ª	Behavior modification in the natural environment	Tharp, R. [G.] e Wetzel, R. [J.]	3			214	A new learning environment Cohen, H. e Filipczak
13	11ª	Behavior principles	Ferster, C. B. e Perrot, M. C.	3	* 1 tradução para o espanhol		158	A note on the absence of a Santa Claus in any known ecosystem Baer, D. M.
14	12ª	Effects of teacher attention on study behavior	Hall, R. V.; Lund, D. e Jackson, D.	3			495	A primer of operant conditioning Reynolds, G. S.
15	13ª	Elementary principles of behavior	Whaley, D. L. e Malott, R. W.	3			312	A program for the establishment of speech in psychotic children Lovaas, O. I.
16	14ª	On the notion of cause, with applications to behaviorism	Staddon, J. E. R.	3			400	A program of stimulation for infants born prematurely Barnard, R. E.
17	15ª	Production and elimination of disruptive classroom behavior by	Thomas, D. [R.]; Becker, W. [C.] e Armstrong, M.	3			301	A psicologia cognitivista, um ramo da psicologia indistinguível Engelman[n], A.
18	16ª	Reflect[x]ions on behaviorism and society	Skinner, B. F.	3			209	A psicologia como estudo de interações Todorov, J. C.
19	17ª	Reinforcement theory	Premack, D.	3			34	A psychology learning center Ferster, C. B. e Cullen
20	18ª	The analysis of behavior	Holland, J. G. e Skinner, B. F.	3	* 1 tradução para o português		227	A quem, nós psicólogos, servimos de fato? Botomé, S. P.
21	19ª	The effects of teacher attention on following instruction in a kindergarten Schutt, R. C. e Hopkins, B. L.		3			136	A reinforcer system and experimental procedure for the laboratory Staats, A.; Finley, J.
22	20ª	The psychiatric nurse as a behavioral engineer	Ayllon, T. e Michael, J.	3			323	A three-dimensional program for the treatment of obesity Stuart, R. B.
23	21ª	The token economy: A motivating[motivational] environment[Ayllon, T. e Azrin, N. H.]		3			293	A strategy for applied research: Learning based but outcome oriented Azrin, N. H.
24	22ª	Theories du langage. Théories de l'apprentissage Piatelli-Palma[e]rini, M.		3			420	A study of the effect of differential stimulation on mentally retarded children Skeels, H. M. e Dye
25	23ª	A psicologia cognitivista, um ramo da psicologia indistinguível Engelman[n], A.		2			114	A test as a delayed contingency for acquiring elementary textual skills Kaprow, E. A.
26	24ª	A token reinforcement program in a public school: a replication O'Leary, D. K.; Becker, W. C.; Evans, M. B. e Saunders		2			102	A token economy for the teacher Kock, L. e Breyer, V.
27	25ª	Achievement place: modification of the behaviors of pre-delinquents Phillips, E. L.; Phillips, E. A.[Phillips, S.]; Fixsen, D.		2			125	A token reinforcement program in a public school: a replication O'Leary, D. K.; Becker
28	26ª	Alfabetização: um projeto bem sucedido Leite, S. A. S.		2			170	A Treatise of human nature Hume, D.
29	27ª	Applying "group" contingencies to the classroom study behavior Bushnell, D. [jr.]; Wrobel, P. A. e Michaeli, M. L.		2			162	About behaviorism Skinner, B. F.
30	28ª	Behavior analysis of child development Bijou, S. W. e Baer, D. M.		2	* 1 tradução para o português		117	Academic response rate as a function of teacher- and self-imposed schedules Lovitt, T. C. e Curtis
31	29ª	Behavior modification: an experimental therapeutic endeavor Risley, T. R.		2			29	Achievement place: development of elected manager system Phillips, E. L.; Phillips
32	30ª	Behavior modification: What [it] is and how to do it Martin, G. [J.] e Pear, J. [J.]		2			26	Achievement place: experiments in self-government with pre-delinquents Fixsen, D. L.; Phillips
33	31ª	Behavior modification: What [it] is and how to do it Skinner, B. F.		2			38	Achievement place: modification of the behaviors of pre-delinquents Phillips, E. L.; Phillips

Apêndice 6

Modelo da tabela tipo *ranking* dos veículos de publicação e suas respectivas quantidades de menções, conforme tipo de obra citada, em *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação e/ou Cadernos de Análise do Comportamento*

	A	B	C	D	E	F	G	H	I
1	PERIÓDICOS	n		LIVROS		n			OUTRAS PUBLICAÇÕES
2				EDITORA	CIDADE				DESCRIÇÃO
2	Journal of Applied Behavior Analysis *	87							Dissertação de Mestrado apresentada no Instituto de Psicologia da USP
3	Journal of the Experimental Analysis of Behavior	23		Appleton-Century Crofts	New York	29			Tese de doutoramento apresentada ao Instituto de Psicologia da USP
4	Psychological Review	11		Prentice-Hall	Englewood Cliff, NJ	26			Dissertação apresentada à Universidade de Manitoba
5	Behaviorism	10		University Park Press	Baltimore	10			
6	Behavior Research and Therapy	6		Academic Press	New York	9			Trabalho não publicado; dptº de Psicologia Educacional da Universidade de São Paulo
7	American Psychologist	5		McGraw-Hill	New York	8			Anais da Reunião Anual de Psicologia
8	Psicologia	5		McMillan	New York	8			Anais da XI Reunião Anual de Psicologia
9	Science	5		Trillas (México)	México	8			Anais da XI Reunião da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto
10	The Behavior Analyst	5		Holt, Rinehart and Winston	New York	6 * 1 trad. EPU, 1 trad.			Anais da XII Reunião da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto
11	The Psychological Record	5		E.P.U.	São Paulo	5			Anais do I Encontro Estadual sobre prevenção à excepcionalidade
12	Child Development	4		Herder	São Paulo	5 * 2 com EDUSP			Conferência pronunciada na 27ª Reunião Anual da Soc. Brasileira p/
13	Exceptional Children	4		Scott, Foresman, and Company	Glenview, Ill.	5			Psicologia/ Trabalho apresentado no Simpósio realizado na 32ª Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto
14	Journal of Experimental Child Psychology	4		Alfred A. Knopf	New York	4			Tese de Mestrado não publicada, Western Michigan University
15	Journal of General Psychology	4		Cultrix	São Paulo	4 * 2 com EDUSP			Texto mimeografado
16	Psychology in the School	4		Editora da USP	São Paulo	4			Trabalho apresentado na 31ª reunião da SBPC
17	Review of Educational Research	4		Meredith	New York	4			Trabalho apresentado na mesa redonda sobre "Implicaciones políticas da psicologia"
18	Impacto da ciência na sociedade	3		University of Calgary	Alberta, Canadá	4			Trabalho apresentado na reunião anual da SBPC
19	Journal of Consulting and Clinical Psychology	3		Ática	São Paulo	3			Trabalho apresentado na XI Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto
20	Revista Brasileira de Deficiência Mental	3		Ed. FTD	São Paulo	3			Trabalho apresentado no Congresso da "Society for Research in Child Development"
21	American Journal of Mental Deficiency	2		Grijalbo	México	3			Trabalho apresentado no Simpósio "Psychology and Social Responsibility"
22	Analysis and Intervention in Developmental Disabilities	2		Paz e Terra (Rio de Janeiro)	Rio de Janeiro	3			University of Michigan
23	Cadernos de Análise do Comportamento	2		Pergamon Press Inc.	New York	3			World Congress on Behavioral Therapy
24	Ciência e cultura	2		Random House	New York	3			XII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto
25	Journal of Educational Psychology	2		Research Press	Champaign, Illinois	3			XIII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto
26	Modificação de Comportamento: Pesquisa e Aplicação	2		Seuil (Paris)	Paris	3			TOTAL
27	American Journal of Psychology	1		University of Nebraska Press	Lincoln, NE	3			
28	Arquivos Brasileiros de Psicologia	1		Academic Press	London	2			
29	Behavior Therapy	1		Addison-Wesley	Reading, Mass.	2			
30	Behaviorism and ethics	1		Basic Books	New York	2			
31	Behaviorists for Social Action Journal	1		Brasiliense	São Paulo	2			
32	Brain Behav. Evol.	1		EDICON	São Paulo	2			

Apêndice 7

Modelo da tabela com os dados gerais dos números de *Modificação de Comportamento: pesquisa e aplicação* e *Cadernos de Análise do Comportamento*

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M	N	O	P	Q
1	NÚMERO DOS PERIÓDICOS CONFORME ASSOCIAÇÕES RESPONSÁVEIS																
2	Periódico	Modificação de Comportamento		Cadernos de Análise do Comportamento													
3	Associação	Ano I, n. 1 (1976)	Ano I, n. 2 (1977)	n. 1 (1981)	n. 2 (1982)	n. 3 (1982)	n. 4 (1983)	n. 5 (1983)	n. 6 (1984)	n. 7 (1985)	n. 8 (1986)						
4	AMC	X	X	X	X	X	X	X	X								
5	ABAC									X	X						
6																	
7																	
8	EDITORES E DIRETORES (OU REPRESENTAÇÃO OFICIAL OU DIRETORIA EXECUTIVA E CONSELHO DIRETOR) DAS ASSOCIAÇÕES SEGUNDO OS PERIÓDICOS																
9	Periódico	Modificação de Comportamento		Cadernos de Análise do Comportamento													
10	Nomes	Ano I, n. 1 (1976)	Ano I, n. 2 (1977)	n. 1 (1981)	n. 2 (1982)	n. 3 (1982)	n. 4 (1983)	n. 5 (1983)	n. 6 (1984)	n. 7 (1985)	n. 8 (1986)						
11	Adalgisa Pereira da Silva	AMC	AMC														
12	Ana Lucia Cortegoso									ABAC	ABAC						
13	Ana Lúcia Rossito									ABAC	ABAC						
14	Antonio Armindo Camilo									ABAC	ABAC						
15	Carolina M. Bori									ABAC	ABAC						
16	Cristiano R. F. Nabuco de Abreu									ABAC	ABAC						
17	Darcy Corazza									ABAC	ABAC						
18	Deisy G. Souza									ABAC	ABAC						
19	Denize Rosana Rubano									ABAC	ABAC						
20	Fátima Cristina de S. Conte									ABAC	ABAC						
21	Flávio George Aderaldo	AMC	AMC														
22	Hélia Hisako Utida									ABAC	ABAC						
23	Liliana Seger									ABAC	ABAC						
24	Luiz Carlos de Freitas							AMC	AMC								
25	Maria Amélia Matos							AMC	AMC	ABAC	ABAC						
26	Maria Lucia D. Ferrara			AMC *	AMC *	AMC *											
27	Maria Zilah da S. Brandão									ABAC	ABAC						
28	Maura Alves Nunes Congora									ABAC	ABAC						
29	Não informado						AMC										
30	Olga Mitsue Kubo									ABAC	ABAC						
31	Rafael Cangelini Filho									ABAC	ABAC						
32	Regina Christina Wielenska									ABAC	ABAC						
33	Roberto Alves Banaco									ABAC	ABAC						
34	Silvio Paulo Botomé			AMC *						ABAC	ABAC						
35	Vera Lúcia Menezes da Silva									ABAC	ABAC						
36	* Não informado nos números dos respectivos anos, mas nos números 5 e 6.																
37																	
38																	
39	PESSOAS ENVOLVIDAS NO DESENVOLVIMENTO CONFORME OS NÚMEROS DOS PERIÓDICOS																
40	Periódico	Modificação de Comportamento		Cadernos de Análise do Comportamento													
41	Tabelas	(C8) n. 8 (1986) - ABAC	(C7) n. 7 (1985) - ABAC	(C6) n. 6 (1984) - AMC	(C5) n. 5 (1983) - AMC	(C4) n. 4 (1983) - AMC	(C3) n. 3 (1982) - AMC	(C2) n. 2 (1982) -									

* Ex-representantes oficiais da AMC:

Carolina Martuscelli Bori - 74/76
 Luiz Otávio de S. Queiroz - 76/77
 Hélio José Guilhardi - 77/78
 Nilce Pinheiro Mejias - 78/79
 Maria Amélia Matos - 79/80
 Silvio Paulo Botomé - 80/81
 Maria Lucia D. Ferrara - 81/82